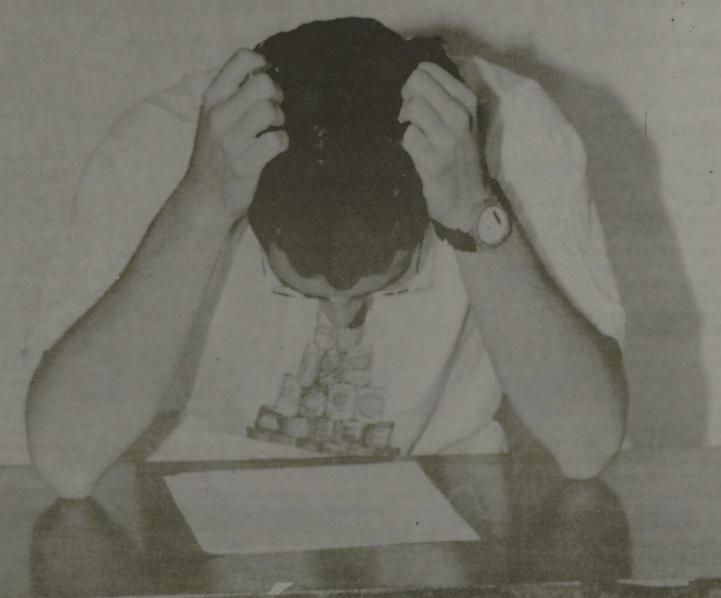
№ 6 - ANO XIII - FLORIANÓPOLIS, 20 DE DEZEMBRO DE 1995 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC



AINDUSTRIA DO VESTIBULAR

Seleção para universidade incentiva o crescimento do lucrativo negócio dos cursinhos e esvazia a educação tradicional

central

Carolina Heinel

Editorial

ZERO

DEZ

95

ero retomou o caminho da reportagem e traz nesta superedição • • • • de final de ano dois temas que ilustram o resultado de um política econômico-social adotada pelos últimos governos, tanto federais quanto estaduais: a sempre polêmica e indefinida questão agrária e a "indústria do vestibular". O resultado é o descaso com que questões sociais como educação e estrutura agrária são tratadas no Brasil, um país que ainda não alcançou a autonomia suficiente sequer para decidir em que setores deve investir — tais decisões são tomadas por organismos internacionais, ainda que isso

cada de 60.

A reportagem de capa mostra porque o governo vai ter obstáculos para aprovar qualquer alteração na forma de acesso dos estudantes ao terceiro grau. A verdadeira indústria sustentada pelo desespero de pais e jovens por uma vaga na universidade não vai apenas assistir ao desenrolar dos fatos. O lobby dos cursinhos prévestibular vai tentar inviabilizar a inclusão da proposta do ministro Paulo Renato de Souza, de garantir um percentual de vagas nas universidades para aqueles alunos que tiverem os melhores desempenhos durante o segundo grau,

pareça chavão da esquerda da dé- na Lei de Diretrizes de Base da educação. O assunto é tão polêmico que a LDB tramita há mais de um ano no Congresso, sendo alterada de vez em quando, mas nunca votada.

A discussão em torno do vestibular está servindo, para ocultar a discussão fundamental: a da exclusão da maioria da população ao ensino. Não basta apenas mudar a forma de acesso a universidade. É preciso que o estado invista em educação. Como mostra o professor Rampinelli, o Brasil investe menos de 1% do PIB em educação, bem menos que os 8% investidos pelo Japão.

A simples mudança da forma

de acesso a universidade não vai democratizar a disputa por uma vaga no terceiro grau. O estado teria que investir pesadamente para melhorar a rede pública de ensino, garantindo uma boa formação também àqueles que não dispõem de recursos para frequentar uma escola particular.

As escolas particulares surgiram para ocupar o vácuo deixado pelo ensino público. Os governos foram, gradativamente, deixando de investir em educação e pagando salários miseráveis aos professores. É o resultado de uma nova visão de estado, a do estado mínimo. A versão brasileira é a do ine-

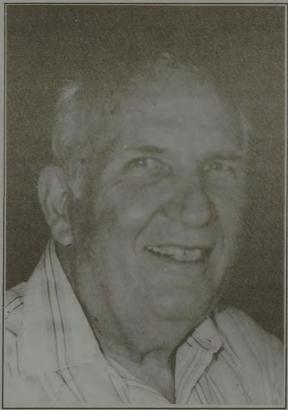
Sivam leva Stemmer ao senado

Ex-reitor defende tecnologia nacional e diz que não tem Mercedes na garagem

professor de Engenharia Mecânica e ex-Reitor da UFSC, Erich Caspar Stemmer, é um dos onze convidados a prestar depoimento na supercomissão do Senado que apura irregularidades no caso SIVAM. Atualmente ele é Secretário de Co-ordenação de Programas do Ministério da Ciência e Tecnologia e esteve em Florianópolis na última semana para participar das comemorações dos vinte e cinco anos do Curso de Engenharia Civil da UFSC. Numa entrevista exclusiva ao ZERO, Erich Stemmer falou sobre o Projeto SIVAM e quais suas expectativas em relação ao convite do Senado.

Qual a relação do senhor com o projeto SIVAM?

De janeiro de 1994 a fevereiro de 1995 eu fui Secretário Executivo do Ministério da Ciência e Tecnologia. Quando o projeto estava sendo elaborado, o Ministério foi solicitado a dar alguns pareceres referentes a proteção ambiental,



Stemmer: interesses violentos

queimadas e derrubada de florestas. Isso foi feito através do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). Na verdade o projeto SIVAM tem vários objetivos, além da proteção ambiental da Amazônia. Ele prevê o controle dos espaços aéreo e terrestre da região, não só inibindo o tráfico de drogas como também orientando as aeronaves que trafegam na área, através de

radiolocalizadores. Para o Ministério interessa o benefício que o SIVAM possa dar em relação ao desenvolvimento econômico da A-

O senhor já recebeu o convite oficial para depor na supercomissão?

Não. Tomei conhecimento desse depoimento através do jornal Folha de São Paulo do dia 28 de novembro, onde informa que eu serei chamado para explicar suspeitas de corrupção no SIVAM e

que seria convidado a defender a instalação do projeto com tecnologia nacional. Não sei bem o que eles vão me perguntar. Na verdade estou numa situação um pouco especial. Uma vez que estou participando do governo, evidentemente tenho que defender a posição do governo. Mas o Sivam é um projeto muito grande e, como todos os projetos muito grandes,

200 sistemas de envolvem problemas. São concorrências enormes, jogos de interesses violentos. Eu teria feito um projeto de menor ever-

> E possível que a instalação do SIVAM seja feita com tecnologia nacional?

> A região Amazônica têm 5,2 milhões de quilômetros quadrados. É mais da metade do Brasil e é uma área muito difícil de controlar porque é muito pouco habitada. Uma das possibilidades seria usar aviões da Embraer e a outra seria usar energia solar nas instalações do SI-VAM . Tem uma empresa brasileira que produz fotocélulas, que transfomam energia do sol em energia elétrica. Em algumas coisas seria possível usar tecnologia nacional para implantar o SI-VAM, incluisive o projeto prevê que isso seja feito dentro do pos-

Na sua opinião, ouve favorecimento na contratação da Raytheon para tocar o proje-

Eu não tenho o mínimo conhecimento, porque, evidentemente, estas coisas são feitas de forma muito reservadas e eu não tenho acesso a essas informações. Só posso garantir que eu não tenho nenhuma Mercedes da minha garagem.

Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina

Patrícia M.

de Souza

Arte: Michelson Borges Colaboração: Agecom, prof. Paulo Brito, SOMA Edição: Alessandro Bonassoli, Carlito Costa, Flávia Rodrigues, Gladinston Silvestrini, Mauricio Oliveira, Patricia Márcia, Paulo Henrique Souza, René Müller, Sandra Vieira, Sérgio Severino Editoração Eletrônica: Clayton Wosgrau,

expediente

Gladinston Silvestrini, Pablo Claudino, Sérgio Severino, Silvio Pereira (páginas da maco-

nha) Foto de capa: Carolina Heinen

Infografia: Sérgio Severino Laboratório Fotográfico: Bárbara Pettres, Paulo de Tarso

Montagem: Clayton Wosgrau, Gladinston Planejamento e supervisão gráfica: Pablo Claudino

Supervisão: Carlos Locatelli

Redação: Curso de Jornalismo (UFSC-CCE), Trindade, Florianopolis/SC - CEP 38040-900 Telefones: (048) 231-9490 e 231-9215 Telex e Fax: (048) 234-4069

Fotolitos e Impressão: Diário Catarinense

Tiragem: 5 mil exemplares Distribuição Gratuita Circulação Dirigida

A pátria acima da famí

Imigrantes eram proibidos de falar a língua natal até mesmo dentro de casa

geiro foi proibida no Brasil. Getúlio Vargas achava que, assim, conseguiria despertar o padescendentes pela terra adotada.

Curiosamente, as três maiores colônias eram justamente dos países que formavam o "eixo" - Alemanha, Itália e Japão. Em 1940, o alemão era o idioma mais falado por 644.255 pessoas que viviam no Brasil; o italiano, por 458.093; e o japonês, por 178.007.

Foi nessa época que, abruptamente, mais de um milhão de pessoas - quase 300 mil delas vivendo em Santa Catarina tiveram que abandonar o idioma que melhor dominavam. Nem dentro de casa a determinação poderia ser desobedecida.

A punição para quem fosse flagrado falando num idioma que não o português era a detenção por alguns dias. Em caso de reincidência, a permanência na prisão era ampliada.

A professora Neide Fiori, do Departamento de Ciências Sociais da UFSC, pesquisa o assunto há vários anos. Junto com a professora Sueli Petry, da Furb, de Blumenau, ela lidera uma equipe de dez bolsistas do CNPq. "Foram registradas muitas prisões pela questão idiomática", diz Neide.

SOFRIMENTO - Ela conta que as entrevistas têm sido os momentos mais difíceis do trabalho. "São pessoas já idosas que que-rem esquecer o sofrimento do tempo da guerra", explica. Os alemães e italianos que viviam em Santa Catarina eram facilrisico - semelhante àquele que os nar", garante a professora.

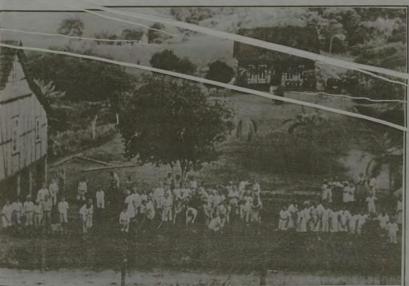
m 1942, durante a Se-brasileiros viam nos jornais gunda Guerra Mundi- como sendo o do "inimigo". As - al, a prática de qual- delações eram constantes e o cli-• • • • quer idioma estran- ma de desconfiança fez com que as pessoas deixassem de conver-

Uma entrevista, em especial, triotismo dos imigrantes e seus comoveu Neide. Em Pomerode, um homem idoso relatou a prisão da mãe, que só sabia falar alemão. Quando relembrou os fatos, ocorridos cinco décadas antes, o homem começou a chorar convulsivamente. "Naquele momento, não havia palavras que pudessem consolá-lo", diz Neide.

A bibliografia sobre o assunto relata a dificuldade em obter entrevistas. Um casal de imigrantes que garantia não ter atravessado nenhuma dificuldade com a obrigatoriedade de falar português. Depois de muita insistência, obteve-se uma resposta sutil, mas reveladora: "o único problema era que o cachorro só atendia em alemão".

Inspirado no ideal de que "a pátria estava ácima da família", Getúlio Vargas fez com que os filhos de imigrantes, alunos das escolas públicas, contribuíssem para a "nacionalização" dos pais. As escolas instigaram as crianças a não usarem em casa o idioma estrangeiro. Isso gerou conflitos, porque os pais consideravam que os filhos estavam renegando a origem.

Durante três anos de pesquisa, a equipe de Neide trabalhou mais com a parte pedagógica e cultural do período de nacionalização imposto por Getúlio Vargas. Agora, ela pretende aprofundar o estudo sobre a violência da polícia e do exército contra os imigrantes. "O controle era muito mais mente identificados pelo tipo rígido do que podemos imagi-



Mais de 600 mil alemães moravam no Brasil em 1940



ZERO DEZ 95

lingua oficial

Quase trinta anos antes de Getúlio Vargas impor a nacionalização dos imigrantes, Santa Catarina já havia feito algo parecido, de forma mais racional. Contratado pelo governador Vidal Ramos, o professor paulista Orestes Guimarães chegou em 1910 com a missão de reformar o ensino catarinense. Os desafios eram resolver o problema de analfabetismo e da assimilação das etnias estrangeiras.

as crianças a

aprender o

português

Orestes criou o "grupo escolar", um novo tipo de escola que reunia diversas classes de alunos, cada uma delas com um professor responsável. Substituiu a escola primária, onde não havia separação por séries e todos os alunos eram ensinados por um mesmo professor. Também foram nomeados "inspetores", para fiscalizar a frequência e o cumprimento do programa por

Em 1917, as escolas estrangeiras", que usavam como língua principal o idioma de um outro país, ficaram sujeitas ao mesmo programa de ensino das escolas públicas catarinenses. Em Blumenau, por exemplo, havia 123 escolas onde não se ensinava em português, com 5.061 alunos, contra apenas 10 escolas estaduais, com 574 alunos.

As escolas "estrangeiras" foram obrigadas, também, a ensinar História do Brasil, Educação Cívica, Geografia do Brasil e hinos patrióticos brasileiros. As contribuições financeiras dos consulados foram consideradas

Nacionalização - Para se ter uma idéia do impacto dessas medidas, basta relatar que, nessa época, Blumenau tinha dois jornais em alemão e nenhum em português. Havia uma estrada de ferro, com 70 km de extensão, em que os horários, avisos, tarifas e ordens de serviço eram em ale-

Em 1918, foram criadas escolas supervisionadas pelo governo para as populações de origem estrangeira, chamadas "zonas de nacionalização". Para continuarem lecionando, os professores de nacionalidade estrangeira tinham que comprovar o domínio da língua portugua-

Orestes Guimarães un em Santa Catarina um medelo mais inteligente que o de Getúlio Vargas", diz a professora Neide Fiori, que há duas décadas estuda a nacionalização do ensino no Brasil. "Mas é preciso compreender que são momentos históricos diferentes", ressalta.



O reitor e o relógio comunista ção. O documento, assinado pelo

ZERO

DEZ

95

Professor de economia da UFSC conta como foi impedido de disputar a eleição para DCE da UFSC em 1969. Gerônimo foi cassado e Rodolfo Pinto da Luz indicado presidente biônico do diretório.

professor de economia Gerônimo Wanderley Machado carrega até hoje um relógio de bolso prateado da marca Slava, um "batatão", como ele chama. É uma relíquia produzida na então União Soviética, comprada numa boutique de moda comunista em Paris por volta de 1978, quando estava exilado na época da ditadura. O relógio, que ele garante ainda ser bastante eficiente, pode ser visto um pouco como a ideologia socialista: muitos podem considerar antiquado, mas ainda há quem veja beleza nesse tipo de

O novo reitor da UFSC, Rodolfo Pinto da Luz, certamente não aprecia esse "estilo". A diferença ideológica entre Rodolfo e Gerônimo existe desde que os dois eram colegas do Curso de Direito da universidade, no final dos anos 60, e foi decisiva na eleição para presiden-

te do Diretório Central dos Estudantes(DCE), em 1969. Gerônimo, filiado então ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), hoje Partido Popular Socialista(PPS), foi cassado e tornado inelegível na véspera de uma vitória certa, junto com outros três colegas, entre eles o hoje cartunista Sérgio Bonson. Não houve eleição e Rodolfo foi nomeado presidente biônico do

CASSAÇÃO - É bem verdade que a eleição já não era direta. Cada um dos 11 Centros Acadêmicos (C.A.s) da época tinha direito a indicar cinco delegados que iriam votar. O método facilitava verificar a própria situação antes da votação. A chapa do Partido Movimento Terceira Força, encabeçada por Gerônimo, tinha garantidos pelo menos 35 votos. O professor e seus companheiros só foram avisados da cassação no dia da eleientão reitor João David Ferreira Lima, informou que "os órgãos de informação e segurança do governo encaminharam a esta reitoria documentos que impedem a participação dos referidos acadêmicos em eleições para órgãos de representação estudan-

O que esses documentos tinham de tão comprometedor, se é que realmente existiram, o professor nunca ficou sabendo. Mas havia razões bem mais con-

cretas para essa atitude. Entre 67 e 69 os dois presidentes do diretório no período eram ligados ao "parti-dão". O

DCE representava na época o principal foco da oposição na universidade. O Ato Institucional n 5 havia entrado em vigor um ano antes, provocando o ponto de maior endurecimento da ditadura. Entre Gerônimo, um militante comunista desde os tempos do ginásio e frequentador contumaz da cadeia, e Rodolfo, articulado com o regime, não foi difícil escolher. A partir daí, segundo o professor, o diretório passou a ser uma espécie de "secretaria de propaganda da reitoria". Aliás,

> ficou difícil achar um espaço que não fosse, com a perseguição às entidades estudantis.

Ele afirma não acreditar que Rodolfo tivesse agido de má-fé no episódio: "Essa cassação provavelmete foi feita à revelia dele", pondera, apesar de não negar que o reitor agora eleito numa votabeneficiou com a decisão. os dois, apesar de opositores, sempre mantiveram relações cordiais. O antigo exilado, agora presidente do Diretório Municipal do PPS, até acredita que Rodolfo seja capaz de defender a universidade pública, mas teme que ele ceda às pressões neolibe-

Perseguição - Depois da funesta eleição as trajetórias dos dois estudantes de Direito foram bem distintas. Rodolfo exerceu diversos cargos públicos nos

Entre Gerônimo, um

comunista, e

Rodolfo, alinhado

com a ditadura, não

foi dificil escolher

governo estadual e federal, foi reitor, candidato a vereador e a deputado estadual pelo PL. Gerônimo, hoje com 48

anos, passou por coisas bem piores nas mãos do regime. Seu processo de anistia deu entrada no MEC em 1979, mas só foi efetivado para valer em julho deste ano. Segundo ele o processo sumiu duas vezes, uma na gestão do reitor Caspar Stemmer, em 79, e outra em 84, quando Marco Maciel foi ministro da Educação. Por ironia, foi Rodolfo Pinto quem descobriu o documento, no ano passado. Nos últimos 23 anos, ele foi aprovado em quatro concursos na UFSC. Em três, foi demitido politicamente.

No primeiro, em 72, trabalhou um semestre, sendo demitido por "ordens superiores". No segundo, no ano seguinte, obteve o primeiro lugar mas foi informado pela reitoria que a aprovação "independe da ordem de classificação". Aprovado também no terceiro concurso, em 79, passou três meses lecionanção mais democrática se do sem salário e posto para fora novamente por ordens superio-O professor garante que res. Só depois da anisita,



Em 1979, presos pulificus começam a ser libertados pela anistia. Em 1968, protestos etudantis são abafados pela truculência policial



em 83, ele conseguiu entrar numa disputa em que a aprovação dependia da classificação e se tornou professor de economia, cargo que ocupa até hoje.

A condição de opositor também lhe rendeu demissão do BESC, onde trabalhava desde 66. Enquanto estava em Paris, graças a uma bolsa para pós-graduação, a Operação Barriga Verde, que há vinte anos causou a prisão e o exílio de diversos professores e alunos da UFSC, pressionou a direção do banco. O BESC enviou um comunicado ao professor de que, se não voltasse em 30 dias, estaria na rua. Gerônimo retornou em quatro anos. O documento de anistia significou de 15 anos de tempo de serviço, salários e promoções perdidas e, agora, recuperadas. Se bem que ele ainda não recebeu os benefícios.

entre os -750, talvez 1.200, não se sabe ao certo- estudantes que foram presos por participar do célebre 30º Congresso da UNE, em Ibiúna, no interior de São Paulo. O evento representou o desafio inexplicavelmente aceito e redundantemente fracassado de reunir centenas de militantes antiditadura nas barbas dos militares. Os "congressistas", alojados improvisadamente nas residências de habitantes da comunidade, foram um alvo fácil para soldados armados de fuzis e metralhadoras, aliás com vários infiltrados entre os estudantes.

Gerônimo estava ainda dormindo quando veio a invasão. "Eu acordei vendo passar aquele pessoal de fuzil e pensei, 'nossa, esse congresso está bem protegido, vamos fazer a revolução amanhã", brinca ele, que fala de uma forma surpreendentemente bem-humorada sobre esse assunto. "Foi quando o soldado gritou 'levanta, cambada de comunista safado, F.D.P.!". Uma de suas recordações daquele momento é a "pirâmide", uma pilha de sapatos que os alojados amontoavam perto de onde dormiam. Quando foram calçá-los para seguir rumo à prisão, estavam todos misturados. Havia ta que a eleição de ex-comugente colocando dois sapatos es-

福. 芦油

querdos ou dois direitos. A caminhada até os veículos que os levariam até a prisão, em Tiradentes(SP), durou quilôme-

No xilindró mesmo foram sete dias. Na condição de ativista, mas não de uma das principais lideranças, o professor escapou das "bocas de jacaré" -alicates usados para prender os fios elétricos nos presos políticos-e infortúnios congêneres. A cadeia também guarda fatos dos quais ele consegue se recordar com bom humor. Os presos políticos, 30 amontoados na mesma cela, se comunicavam pelas janelas com os criminosos comuns, no piso inferior, com frases de efeito do tipo: "companheiro, estamos lutando contra a ditadura", ao que os de baixo respondiam: "Companheiro, tem um cigarri-

A partir daí começou entre A INVASÃO - Em 68, foi um os presidiários uma espécie de comércio via "elevador". cigarros e roupas, entre outros artigos, eram colocados dentro de sapatos, que eram amarrados com lençóis e cadarços. Os presos políticos desciam os sapatos até o piso de baixo e efetuavam as trocas. A imprensa observava tudo sem se dar conta do que realmente estava acontecendo. No outro dia, quase todas as manchetes anunciaram: "presos políticos realizam congresso na cadeia. Sapatos são improvisados como urnas".

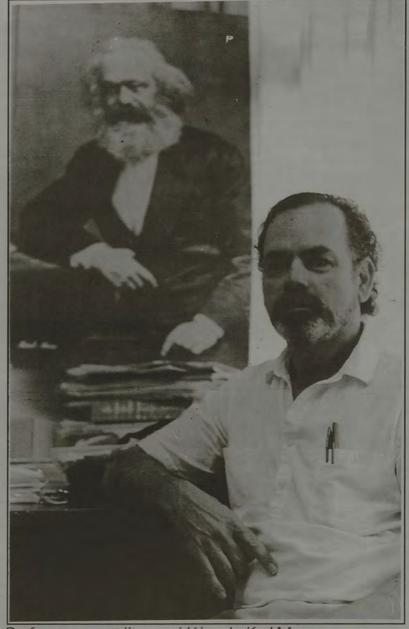
RETOMANDO ESPAÇOS -

Além de brincar com suas histórias de militante, como professor de economia Gerônimo ainda leva muito a sério as idéias de seu mestre Karl Marx. Aliás, ele dá

aula de Economia Marxista na UFSC. Considera muito inquietante o atual predomínio do neoliberalismo e o fenômeno do desemprego estrutural, que correria o risco de levar a uma nova situação de superprodução e subconsumo como a que gerou o "crack"da Bolsa de Valores de Nova York em 1929

Apesar disso, acredinistas para comandar Países

ittetti



Professor acredita nas idéias de Karl Marx

da Polônia- é um indicativo de que as idéias socialistas estão retomando seu espaço, embora admita que entre eles possam haver social-democratas ao estilo do presidente Fernando Henrique. "O certo é que não soviética.

do Leste Europeu -caso recente serão como nos antigos PCs nem como os radicais do neoliberalismo", afirma com convicção, mesmo que alguns achem que o que diz soa tão obsoleto quanto um velho relógio de bolso de fabricação

ZERO

DEZ

95



No escritório do DOI-CODI, no Rio de Janeiro, opositores eram torturados até a morte, enquanto no governo Costa e Silva o Al-5 endurecia o regime



A primeira ocupação organizada pelo MST em Santa Catarina aconteceu em 1985 no município de Abelardo Luz

ocupação da fazenda Santo Antônio, em Passos Maia, desde o • • «último dia 20 de novembro, por cerca de 500 famílias, pode ser considerada uma prova de força do Movimento Sem-Terra (MST) em Santa Catarina. Depois de seis anos de aparente hibernação desde a última grande ocupação, o movimento colocou cerca de 800 famílias em poucos dias no local, vindas de 25 municípios de Santa Catarina e do Paraná. A rapidez com que famílias inteiras chegavam nos dias seguintes ao local, mostrou que os problemas agrários do estado estão longe de ser resolvidos. Pelas contas do Incra, cerca de 45.320 hectares foram desapropriados e divididos entre 2.561 famílias nos últimos 10 anos. O número, porém, é incipiente conforme o MST, pois ainda existiriam cerca de 140 mil famílias sem-terra.

A articulação para a ocupação da fazenda Santo Antônio começou em junho. Em 20 de novembro cerca de 500 famílias arregimentadas na região estavam prontas para ocupar a área. Outras 200 só não entraram naquele dia porque tiveram problemas no deslocamento e foram barradas pela polícia em São Domingos. O movimento contou com o apoio do ex-deputado estadual Vilson Santin (PT) e, pela primeira vez do próprio prefeito de Passos Maia,

Cansadas de viver na miséria, 800 famílias de agricultores sem-terra ocupam há 30 dias fazenda no oeste e reabrem a ferida da reforma agrária em Santa Catarina



140 mil famílias de sem-terra continuam fora da cerca

Abílio Mantovani, que é do hectares. O juiz de Ponte Serra-PMDB. O prefeito doou caixas d'água, mangueiras e barracas foi ao acampamento para veri-ficar as condições dos sem-ter-

proprietário da fazenda Ameixeira, que faz parte da fazenda Santo Antônio, Edmir Guimarães, pediu a reintegração da posse na comarca de Ponte Serrada, alegando que a propriedade não tem os doze mil hectares declarados pelo MST, mas apenas 1.604

hectares. O juiz de Ponte Serrada, Pedro Waliscoski Carvalho, foi ao acampamento para verificar as condições dos sem-terra, principalmente das crianças, mas apesar da miséria que viu, fez seu papel e concedeu a liminar de reintegração. Isso aumentou a tensão entre os acampados, já que tradicionalmente atrás das liminares vem a Polícia Militar.

A reação do movimento foi imediata. As lideranças do acampamento orientaram os sem-ter-

ra para enfrentar o possível despejo, efetuando exercícios diários de combate. Enquanto isso, o comando da Polícia Militar de Chapecó organizava estratégias para retirar as famílias. Os ocupantes queriam que Incra fizesse uma vistoria na área para verificar se é improdutiva. Mas desde o início da ocupação o Incra de Santa Catarina optou por não se envolver no caso. Segundo Ademar Paulo Simon, superintendente do órgão no estado, existia um acordo com o MST de não haver novas ocupações em troca de assentamento de 175 famílias até o final do ano.

EXÉRCITO PARTICULAR - O Fórum Estadual pela Reforma Agrária e pela Justiça no campo, reunindo, além do MST, outras quinze entidades, como a Comissão de Direitos Humanos e a Confederação Nacional dos bispos do Brasil, tentou garantir a ocupação da fazenda no dia 23 de novembro. Seus representantes entregaram um documento com as principais reivindicações ao Procurador Geral do Estado, e ao governador Paulo Afonso, solicitando, entre outras coisas, a votação em regime de urgência urgentíssima do ato sumário das desapropriações. A aprovação significaria o direito de posse das terras após 48 horas de uma desapropriação, restando ao proprietário apenas a possibilidade de entrar na

reforma é lei

O prefeito de Passos Maia, Abílio Mantovani, é do partido do governo estadual, o PMDB, mas mesmo assim se tornou um dos primeiros no Brasil a apoiar as invasões de fazendas improdutivas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). A posição, também tomada há poucos meses pelo prefeito de Abelardo Luz, Valdir Sgarbozza, demonstra que as cidades do interior cansaram de carregar latifundiário que não produz e sonega impostos. Os dois fazem parte de uma nova safra de políticos de partidos tradicionais que começam a ver a reforma agrária como uma bandeira do país, e não apenas do PT. Até o Incra vê com bons olhos o apoio das prefeituras às ocupações. "Nas áreas onde não há empenho do prefeito, as coisas ficam mais difíceis, pois normalmente os sem-terra ficam renegados a uma situação de saúde e educação precárias", disse Ademar Paulo Simon, superintendente do órgão no estado. A seguir, os principais trechos da entrevista concedida por Mantovani ao

Como o PMDB reagiu ao apoio dado ao MST, intima-

mente ligado ao PT?

A reforma agrária não é estatuto de nenhum partido, é lei federal. Até agora ninguém do governo Paulo Afonso Vieira questionou minha posição, pelo contrário, eles tem colaborado para que se encontre uma solução pacífica para o problema. Ninguém no mundo é favorável a invasão de terras alheias, mas se o governo não é capaz de fazer a reforma agrária, as invasões são inevitáveis. E uma causa natural na miséria, onde famílias se mudam de barranco em barranco, enxotadas pela polícia e pelos fazendeiros. Isso chega a me lembrar Rui Barbosa: "De tanto ver crescer a desonestidade o homem se envergonha de ser honesto...'

Então qual é especificamente o interesse no apoio?

Em primeiro lugar a minha formação que tem caráter social. Estou preocupado com uma melhor distribuição de renda. Em segundo, é claro, são as vantagens que o assentamento de 300 famílias trará ao município. Hoje ficamos mantendo enormes fazendas sem produção, fazendo estradas, enfim, investindo sem nenhum retorno. O que se gasta para iluminar uma fazenda, daria para levar luz à 20 famílias de agricultores. Mas como os fazendeiros tem poder de barganha, isso sempre fica em segundo plano. Já o assentamento duplicaria a produção agrícola do município. No ano passado arrecadamos R\$ 3,6 milhões em impostos. Com 300 famílias trabalhando, em três anos conseguiríamos duplicar este valor. O que se vê hoje são os fazendeiros transportando gado durante a madrugada para não emitir nota fiscal e pagar o ICMS.

E não houve problemas com os fazendeiros?

E laro que eles não gostaram muito, mas eu tenho trânsito livre et le eles e hoje posso afirmar que temos 51% de chance de resolver assa questão amigavelmente. São questões de acertos nas reuniões que estão sendo marcadas entre fazendeiros, líderes dos Sem Terra, representantes da prefeitura e do judiciário. Por enquanto só surgiram brigas verbais. Nada de violência.



Mulheres e crianças convivem com o perigo de talhas no campo



Nos acampamentos a organização é a principal arma

Justiça para discutir o valor da indenização.

Na reunião, o governador Paulo Afonso Vieira comprometeu-se em não usar a Polícia Militar para retirar os sem-terra de Passos Maia, ao contrário do que fizeram recentemente os governadores de Rondônia e do

Paraná, com saldo trágico de mortos e feridos. O risco de violência na área, porém, é permanente: o proprietário da fazenda, Edmir Guimarães, declarou ter um "exército particular" preparado para agir, caso o governo não tome providência.

MST desde que surgiu no Brasil em meados da década Araguaia. dores Rurais Sem- lo.

Terra, realizado em Curitiba (PR), o movimento fincou raízes no estado. Atualmente é uma entidade não-governamental independente, que ainda mantém afinidades com a Comissão Pastoral da Terra (CPT). No mesmo ano, promoveu duas grandes ocupações com mil famílias cada uma, em Abelardo Luz e São Miguel D'Oeste, no dia 25 de maio. Data que ficou conhecida como o Dia do MST no estado.

Pelo menos duas pessoas morreram na luta pela terra nesses dez anos no estado. O primeiro foi o trabalhador Olívio Albani, na ocupação de Palma Sola, em 1989, e o segundo, Vilmar Brizola, em Abelardo Luz, há três anos. Além disso, outros fatos recentes preocupam Dulcídio Ravanello, do MST. Pistoleiros de Abelardo Luz Ameaças co- declararam estar dispostos a mamo essa fazem par- tar os filhos dos sem-terra, alete do cotidiano do gando que eles serão os "posseiros de amanhã". Na fazenda Santa Teresinha, em Itaiaó, norte do estado, um pistoleiro, com o de 70, no conflito conhecimento da polícia local, entre posseiros e teria agredido um líder sindical latifundiários no e trabalhadores rurais assentados Em na região. "Para a polícia, até 1985, durante o mesmo um cabo de martelo é Primeiro Congres- considerado uma arma na mão so dos Trabalha- dos sem-terra", declara Ravanel-

Os últimos xokleng vão à luta

em pé glerra

ZERO

DEZ

95

Índios de José Boiteux ameaçam guerra para retomar a antiga aldeia ocupada pelo governo

// e a lei do homem branco não funciona, vamos usar a lei do * • • • • índio", ameaça o cacique xokleng Dili Popó. Ele comanda um grupo de 800 índios que planejam invadir a Barragem Norte, em José Boiteux, no Vale do Itajaí. Para que a barragem fosse construída, os xokleng tiveram que abandonar a antiga aldeia na década de 80, em troca de um loteamento que nunca saiu do papel. Agora, pensam em tomar como reféns as sete famílias que trabalham na manutenção da barragem, obrigando o governador Paulo Afonso Viei-

ra a abrir negociação. O problema começou no fi-nal da década de 70. Para diminuir a intensidade das cheias na região de Blumenau, o governo federal projetou a Barragem Norte. Funcionando a plena capacidade, a barragem poderia reduzir em dois metros o nível do rio Itajaí-Açu - que chega a alcançar 15 metros acima do nor-

A reserva Duque de Caxias, ocupada pelos whleng, foi escolhida para sediar a obra. Erguida exatamente no local ocupado pela aldeia, a barragem forçou a transferência dos índios para outro ponto da reserva. Os índios tiveram que abandonar uma área plana, à beira do rio Hercílio, em troca de uma encosta, distante da fonte de água. Com isso, a produção agrí-

cola foi reduzida em 90%.

Para compensar o prejuízo dos índios, o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) prometeu construir 188 casas, com completa estrutura de água, luz e esgoto, escolas, enfermaria, estradas de acesso e pontes. Mas a barragem foi inaugurada em 1992 e o acordo até hoje não foi cumprido. Em 1991, o governador Vilson Kleinübing criou o "Plano Ibirama", encampando as promessas do governo federal. Mas o máximo que o governo catarinense fez foi iniciar a construção de duas casas, interrompida antes da fase de acabamento.

ELEFANTE BRANCO - Desde que Paulo Afonso assumiu o governo, representantes dos xokleng já estiveram quatro vezes em Florianópolis para cobrar as promessas feitas por Kleinübing. Na última vez, em junho, foram recebidos pelo secretário da Casa Civil, Milton Martini, que garantiu providências imediatas. Seis meses se passaram e o governo não tomou qualquer providência. Apesar da viagem de 300 km, os índios nunca conseguiram ser recebidos pelo governador. "O Paulo Afonso acha que não tem nenhuma obrigação, porque não foi ele quem fez o acordo", diz o cacique Dili Popó.

A situação dos índios é de miséria. Crianças estão morrendo de desidratação e a subnutrição é visível. Algumas famílias metade do território de José Boi-

xokleng tomaram a iniciativa de construir suas casas, em versões bem mais humildes que as prometidas pelo governo. A maioria delas, entretanto, continuam vivendo em ocas feitas de palha.

> va do centro de José Boiteux. Instituída em 1926, a reserva Duque de Caxias tem uma peculiaridade. Normalmente as reservas são criadas para garantir uma área de sobrevivência das tribos, mas ela teve como principal motivador a necessidade de limitar o espaço dos índios. Ocupa uma área de 141,6 milhões de metros quadrados - mais da

> Alimentam-se do pouco que

conseguem plantar e, quando

precisam de serviços médicos,

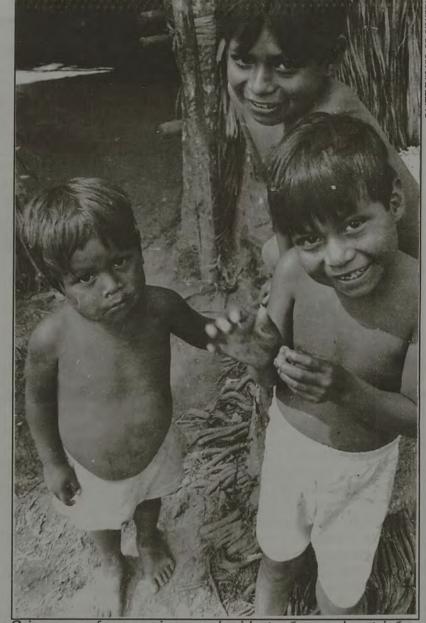
andam pelo menos 40 km a ca-

valo, distância que separa a reser-

teux, desmembrado de Ibirama no final da década de 80.

Desde que foi inaugurada, há três anos, a Barragem Norte ainda não precisou ser usada. Com 400 metros de extensão e 60 metros de altura, ela tem um lago de contenção com ca-pacidade para 387 milhões de metros cúbicos de água. O lago de contenção, todo concretado, ocupa uma área de 870 hectares.

A construção da barragem durou 20 anos em função de constantes pedidos de prorrogação da empresa responsável, a C.R.Almeida. Durante esse tempo, surgiram denúncias nunca comprovadas de superfaturamento, corrupção e desvio de verbas por autoridades dos governos estadual e fede-



Crianças sofrem mais com desidratação e subnutrição

Civilização trouxe morte e doenças

ardo Hoerhan foi o responsável pelo início do diálogo entre xokleng. O primeiro contato só raram até 1954, quando o afastamento de Hoerhan, os o homem branco e os xokleng, aconteceu mais de um mês de- "pacificador" foi afastado pelo xokleng passaram a ser aproem 1914. Conhecido como pois, com a ajuda de um mes- governo, acusado de participar veitados como mão-de-obra "pacificador", ele foi enviado pelo Serviço de Proteção ao Îndio (SPI) com a missão de intermediar os conflitos na região.

Hoerhan tinha, então, apenas 22 anos. Ele instalou-se às margens do Rio Itajaí do Norte (hoje Rio Hercílio) e, pacientemente, estudou os hábitos dos índios. Plantou uma lavoura e

Uma lenda na região, Edu- deixava presentes na margem cio entre a aldeia e o mundo cigenação, vieram também as oposta do rio aos desconfiados tiço que falava kaingang - dialeto parecido com o dos xo-

> Com o tempo, Hoerhan impôs uma série de normas aos xokleng. Controlou as saídas da área demarcada e a entrada de homens brancos. Obrigou os índios, tradicionais caçadores, à prática da agricultura. Também impediu qualquer comér

exterior. Essas regras vigodo assassinato de um índio - na verdade, um pretexto para tirar do caminho o homem que tentava salvar os xokleng da exploração.

O contato com os brancos trouxe uma série de epidemias à aldeia - gripe, varíola, desinteria -, reduzindo o grupo, que somava cerca de 400 pessoas, um quinto. Com a mis- mais felizes".

doenças venéreas. Depois do barata na extração de palmito.

Num depoimento próximo à morte, o "pacificador" mostrou-se arrependido por ter promovido o convívio entre brancos e índios. "Se pudesse prever que iria vê-los morrer tão miseravelmente, os teria deixado na mata, onde ao menos morreriam

Maurício Oliveira

Miséria e separação

A saída da antiga aldeia causou a desagregação dos xokleng. Vizinhos se separaram e os vínculos familiares se perderam. Com a proximidade da miséria, as rixas aumentaram e o faccionalismo se instalou. Dois índios candidataram-se a vereador em José Boiteux, um pelo PFL e outro pelo PMDB. Eupídio Prippá, do PFL, elegeu-se. A Assembléia de Deus infiltrou-se na aldeia e já construiu três templos. Hoje, quase todos os xokleng identificam-se como membros dessa igreja.

Numa das três escolas da reserva, a professora Jenice Fiamoncini, descendente de índios e de italianos, desanima-se com a alta taxa de evasão. "No começo eram 44 alunos", diz, apontando para as nove crianças que permanecem fazendo o primário. Algumas delas caminham mais de 10 km para chegar à escola.

Entre as promessas do governo, estava a construção de um campo de futebol, que hoje representa o mais distante sonho dos xokleng. O time da aldeia, o Cobra Preta, foi desativado. "A gente até esqueceu como se joga", brinca um deles.



Apenas 9 crianças continuam na escola. Algumas chegam a caminhar 10 quilômetros

Além do futebol, outras tradições bem mais antigas estão sendo abandonadas. Os xo-kleng ("parede de pedra", no tronco lingüístico "jê") cremavam os mortos e pintavam os corpos em cerimônias especiais.

Nos índios mais velhos, há indícios do uso do tembetá, um enfeite labial de madeira. Colocado somente nos meninos, o tembetá aumentava de comprimento proporcionalmente à idade. Esse hábito fez com que

os xokleng fossem apelidados de "botocudos" pelos brancos. Nas mulheres, o correspondente ao tembetá eram duas incisões logo abaixo do joelho esquerdo, cicatriz ainda apresentada por muitas delas.

ZERO DEZ 95

MINISTERIO DA INTEGRIAÇÃO REGIMA BARRAGENIVORIE BARRAGENIVA EN SI/10/1892 CONCLUIDA EN SI/10/

Barragem foi inaugurada há três anos e nunca foi usada

etnia ameaçada

Os xokleng da reserva Duque de Caxias são os últimos sobreviventes dessa etnia. Nômades, vieram do Peru - onde já não existem mais - e se espalharam pelo Sul do Brasil, numa faixa entre o litoral e o planalto. Baseavam a alimentação na coleta de pinhão e na caça de pequenos animais.

Com a abertura da estrada das tropas, em 1728, ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul, os xoldeng começaram a ser pressionados pela civilização. A instalação de extensas fazendas de gado limitou as incursões dos índios pelos campos. Por fim, acabaram confinados a um território mínimo, nas cabeceiras do Rio Itajaí. Na virada do século passado, foram registrados vários conflitos entre os índios, armados com arco-e-flechas, e brancos, com espingardas. Os colonos contratavam homens, apelidados de "bugreiros", para eliminar os "selvagens".

"O que ocorreu foi um genocídio, consentido e incentivado pela dita civilização", diz o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, que há 32 anos estuda os *xokleng*. Ao longo desse tempo, ele tem apelado aos governantes para que ajudem os índios. Trata-se de uma dívida de gratidão: a mulher de Sílvio permaneceu com ele na aldeia durante grande parte da primeira gravidez e foi lá que seu filho mais velho aprendeu a andar.

Falsa riqueza

No início da década de 80, os xokleng viveram um tempo de extrema prosperidade. "Esta estradinha de barro era uma das mais movimentadas de Santa Catarina", lembra o motorista de táxi Hélio Moretto, apontando para o precário caminho que leva do centro de José Boiteux à reserva Duque de Caxias.

Na época, ele trabalhava como motorista de caminhão de uma madereira. Milhares de árvores da reserva, de madeiras nobres como cedro e canela, foram cortadas em pouco menos de uma década. Os índios foram iludidos com a justificativa de que toda a área seria inundada pela barragem.

Mesmo vendendo as madeiras por um preço cinco vezes

menor que o de mercado, os índios ganharam muito dinheiro. Alguns deles chegaram a ter os carros mais sofisticados da época. Outros promoviam grandes festas, movidas a bebidas e mulheres. Enganados pelos comerciantes, compravam modernos eletrodomésticos, embora não houvesse rede de energia elétrica na aldeia.

Mas a fonte secou. Além de acabar com as madeiras nobres da reserva, a exploração acelerada da floresta causou o desaparecimento dos animais silvestres, tradicional fonte de alimentação dos índios. Ao mesmo tempo, o projeto da Barragem Norte tirou dos índios quase toda a terra fértil.



Hélio Moretto lembra da melhor época dos xokleng



ZERO DEZ 95

Florianópolis transtorna a vida das mães. Governo lava as mãos e diz que não é obrigado a resolver o problema

recursos oficiais

A creche Nossa Senhora das Lourdes é uma das 12 mantidas pelo governo. São cinco em Florianópolis, duas em Palhoça e três em Joinville. Até 1992 elas eram de responsabilidade da Fesc -Fundação Educacional de Santa Catarina. Depois foram asssumidas pela Secretaria de Educação.

Além das creches do governo, existem as municipais, também gratuitas. Em Florianópolis são 22 em período integral e 19 em meio período. A única diferença das creches do governo e municipais é a origem dos recursos. As do município são auxiliadas pela LBÂ.

Existem ainda associações de bairro que mantêm creches através de convênios com a Secretaria de Educação. No último dia 30 de novembro, o governo repassou R\$ 479 mil para 109 entidades nãogovernamentais que atendem mais de 15 mil crianças de 0 a 6 anos em 42 municípios catarinenses.

e Silvana Ignaczuck já está de pé, vai tra-• balhar no Shopping Beiramar onde é faxineira. Até um ano atrás, Silvana, 23 anos, não trabalhava fora, mas com a morte do marido foi obrigada a ganhar dinheiro para sustentar os três filhos pequenos: Jaqueline, de sete anos, Alan, de três, e Luan, de cinco. Recebendo R\$ 130,00 por mês, ela faz milagres com seu salário. Paga R\$ 40,00 para uma mulher cuidar dois filhos menores, R\$ 30,00 por um financiamento em 12 meses do terreno no cemitério onde está enterrado o marido, além de água e luz. Para a família comer o mês inteiro sobram só R\$ 90,00 em tickets-alimentação, que ela guarda enforcando o almoço diário.

Mas o maior problema de Silvana - e de milhares de mães que querem ou tentam trabalhar em Santa Catarina - é a falta de creches. E quase impossível vaga numa creche do governo. Os R\$ 40.00 que paga para uma senhora cuidar dos filhos fazem muita diferença em seu orçamento. "Esse natal eles não vão ganhar nada. Eu não tenho condições de dar. Talvez se não precisasse pagar esses R\$ 40,00, dava para comprar alguma coisinha", diz chorando.

Ela, e mais 300 mães, esta-

inco horas da manhã va na lista de espera para que os filhos conseguissem uma vaga na creche Nossa Senhora de Lourdes, na Agronômica. Era a única forma de entrar nas creches do governo. Agora, por determinação da Secretaria de Educação, a lista não tem mais validade. Foi determinado um prazo de matrícula, no mêsmo período das escolas primárias estaduais. Mas é mera mudança burocrática. Para 1996, a creche Nossa Senhora das Lourdes só abriu 16 vagas. Em apenas três dias de matrícula já havia mais de 50 inscritos.

> FALTA DE DADOS - Dividindo o muro com a penitenciária de Florianópolis, funciona a creche Nossa Senhora de Lourdes. Com 163 crianças nas nove salas de aula, a creche já está em seu limite de lotação. As crianças, além de trabalhos pedagógicos, como desenhar e construir os próprios brinquedos, recebem alimentação: café-da-manhã, almoço, lanche e janta. Passam em média três mães por dia implorando vaga para os filhos. "É dificil, mas eu não posso fazer milagres" lamenta a coodenadora da creche, Zélia Stapazzoli. A faixa salarial dos pais com filho nessa creche varia entre um e dois salários mínimos. Ela sugere a construção de mais creches para suprir a grande demanda.



Vieira

Barbara

Petres

Zélia Stapazzoli sugere a construção de mais creches





Menores acabam passando o dia em vizinhos, na rua ou no próprio lar - trancados por fora. Muitas vezes, o irmão mais velho é que acaba cuidando dos mais novos

creche exemplo

As creches do governo não são as únicas que têm grandes listas de gente implorando uma vaga para o filho. No NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil), por exemplo, esse ano houve 50 vagas e 288 incritos. A creche é mantida pela UFSC e somente os filhos de professores, servidores e alunos podem ser matriculados. Com 278 crianças, de 3 meses a 6 anos, eles têm disponível psicóloga, fonoaudióloga, médico, enfermeira e auxiliar de enfermagem. Além disso, há visita regular de estudantes de Odontologia da universidade, que fazem orientações para a saúde bucal das crianças, ensinando como escovar os dentes e evitar as cáries.

São desenvolvidos trabalhos pedagógicos com as crianças na sala de arte, brinquedoteca e horta da creche. Construída numa área de 2.000m² no campus da Universidade Federal , o NDI tem, ainda, parque, quadra coberta para a prática de esportes e solário. A maioria dos profissionais que trabalha no Núcleo de Desenvolvimento Infantil tem curso superior.

Segundo a gerente de Educação Infantil no Estado, Vera Regina Rzatiki, "o governo não tem nenhuma obrigação com o ensi-no de 0 a 6 anos". No estado há cerca de 700 mil crianças nessa faixa etária. "Legalmente é um direito da criança e um dever do estado, mas não uma obrigatoriedade", alega. Já a desculpa do secretário de Educação, João Matos, é mais simplista. Ele alega que não há informações precisas para que o estado tome providências. "Precisamos de números para poder fazer remanejamentos", diz. Só em 96 poderá ser feito um censo para saber quantas crianças estão sem

Enquanto políticos e burocratas esperam informações para tomar as decisões que lhes cabem, mães como Silvana são obrigadas a deixar seus filhos trancados em casa, na rua, ou em creches improvisadas. Até três meses atrás, Silvana deixava os pequenos com a filha "Jaque". Aos sete anos ela se tornava mãe de seus irmãos das sete da manhã às nove da noite. Mas como tinha medo de mexer no fogão, na maioria das vezes todos comiam os alimentos frios.

Cultos Evangélicos -Hoje, Luan e Alan ficam na

casa de dona Joaquina, uma senhora com 55 anos e aparência de 70, que mora na mesma favela de Silvana, na Vila Santa Rosa. A favela fica entre a casa do governador e o restaurante Ataliba da Avenida Beiramar Norte. Dona Joaquina cuida ainda de mais três crianças. Uma delas não anda. O pagamento é de acordo com as condições das mães. A única que paga com dinheiro todo mês é Silvana, as outras dão objetos ou ticketsalimentação. "As vezes elas dão R\$ 5,00, R\$10,00, conforme elas podem", comenta a senhora, alegando que o dinheiro é para ajudar na compra de alimentos. Mas ela sempre tem que completar com dinheiro para conseguir comprar a comida. Há três refeições no dia: pela manhã as crianças recebem pão com manteiga e café. No almoço o cardápio, que pouco varia, é basicamente arroz, galinha e ovo fri-

to. O lanche da tarde é o mesmo servido pela manhã.

Além de creche, a casa de dona Joaquina serve para a realização de cultos. Há uma sala, de 24m² - o maior cômodo da casa de cinco peças - onde são realizados os encontros. Seu marido é o pastor dessa igreja evangélica chamada Povo de Deus. Enquanto não estão dormindo, dona Joaquina arruma outras formas de entretê-los, como cantar músicas de sua igreja.

Agora, como dona Joaquina cuida dos irmãos a partir das 7 horas, Jaque só precisa tomar conta de Luan e Alan entre cinco e sete da manhã. "Seus únicos compromissos são apagar as luzes e colocar o penico fora do quarto", comenta Silvana. No banheiro da casa só tem o chuveiro. Agora, como já mexe no fogão, Jaque também esquenta o café para os irmãos.

ZERO DEZ



Hospitais não têm onde pôr lixo produzido e soluções mal-explicadas são questionadas por ambientalistas

aterro sanitário do Hospital Santa Tere-• • * za, em São José, comprovam a ineficiência do tratamento dado ao lixo hospitalar na região da Grande Florianópolis. Há sete anos, as entidades estaduais competentes na área ignoram a Lei Estadual 14.250 (06/05/81), que determina a incineração de todo lixo hospitalar contaminado. O aterro de Santa Tereza é o único a receber o lixo de todos os hospitais e estabelecimentos de saúde da região. São 4,5 toneladas de resíduos despejadas diariamente pela Companhia de Melhoramentos da Capital (Comcap), destruindo a Mata Atlântica nativa do local.

Hospital Santa Tereza, Orlando Estadual. Kuhn, num prazo de 30 dias o aterro não poderá receber mais lixo, por falta de espaço. Até agora, já foram desmatadas duas áreas de Mata Atlântica para o depósito. "A primeira área está sendo reflorestada com eucaliptos e o Ibama não vai mais autorizar a derrubada de árvores. O Hospital também não quer mais que o lixo continue sendo jogado

rregularidades no aqui", diz Kuhn. Já o engenheiro sanitarista da Comcap, Edmar Oliveira Arruda, assegura que a área pode receber lixo ainda por

Para resolver o problema, a exemplo de Curitiba, a Secretaria Estadual de Saúde adquiriu, no início deste ano, oito caminhões incineradores de lixo, da fábrica japonesa Kiowa Kako. No total, foram gastos R\$ 3 milhões. A verba, repassada ao estado pelo Ministério da Saúde, estava destinada para a compra de alimentos, materiais e medicamentos. A compra dos caminhões, sem licitação, gerou po-lêmica. O governo defendeu-se provando que a empresa ja-ponesa é a única que fabrica caminhões incineradores à base de Segundo o administrador do combustão, como exige a Lei

> SEM PERMISSÃO - Os veículos chegaram a Florianópolis no final do mês passado. As principais regiões do estado receberão dois caminhões incineradores. Eles vão coletar somente o lixo séptico (restos de curativos os de análises), que será proces-



sado a uma temperatura de 2 mil graus centígrados. "O objetivo é acabar com o problema do lixo hospitalar", garante o gerente de Controle de Infecção Hospitalar à Tecnologia e ao Meio Ambi-Alberto Silva. Segundo ele, já estão sendo treinados, por técnicos japoneses, 16 pessoas para operar os caminhões. O treinamento termina no próximo dia 17, mas ainda não há prazo para o projeto ser colocado em práti-

do em Santa Tereza sem a permissão da Fundação de Amparo

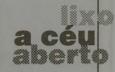
Bolsas de sangue podem ser encontradas no aterro de lixo do Santa Tereza

da Secretaria da Saúde, Carlos ente (Fatma). Em 1988, o Governo comprou um incinerador da empresa paulista Filzan Engenharia, por US\$ 500 mil e instalou no local, mas o equipamento nunca chegou a funcionar. O lixo começou a ser depositado ali provisoriamente, até que o incinerador entrasse em atividade. "Foi liberado a construção de um aterro em Santa Tereza, somente para receber as cinzas





Jane Honorato



Tentando resolver o problema acumulação de lixo hospitalar, o governo do estado comprou um incinerador.O aparelho, que serve para desinfetar material cirúrgico através de altas temperaturas, nunca funcionou. Enquanto isso, o material infectado está sendo colocado nas proximidades

ZERO DEZ



do incinerador", explica o assessor da direção técnica da Fatma, engenheiro Francisco Costa. No incinerado", afirma a engenheientanto, a área é utilizada como depósito até hoje.

No início do ano, a Fatma embargou o aterro. O promotor Antônio Carlos Brasil Pinto, do Centro de Promtoria da coletividade, entrou com um procesgravidade do problema, nove meses depois o órgão ainda não tomou uma decisão. "Não podemos impedir que o lixo continue sendo depositado. E uma medida de caráter emergencial, pois o lixo não pode ficar nas portas dos hospitais", justifica o engenheiro Costa.

no aterro Santa Tereza está trazendo prejuízos ao meio ambi-

ente. "O lixo hospitalar não pode ser aterrado, o ideal é que ele seja ra sanitarista e professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Sandra Sulamita. Além da derrubada da mata nativa, os resíduos contaminam a água do rio Imaruim e de dois córregos que passam ao lado do depósiso no Ministério Público contra to. O lixo é enterrado em valas o Estado e a Comcap. Apesar da de três metros de profundidade e coberto com uma camada de terra de 40 centímetros. Porém, for reciclado de maneira correisso não é suficiente para impedir que as águas das chuvas infiltrem-se na terra arrastando substâncias contaminadas para o lençol freático.

SEPARAÇÃO - Outro pro-O destino incorreto do lixo blema é a questão da mistura do lixo séptico com o não séptico (restos de alimentos e limpezas,

lixo de atividades administrativas e banheiro). Conforme a professora Sulamita, os hospitais deveriam separar o lixo em três categorias: reciclável (pláticos, papel, vidro, etc.), comum e infectante. A engenheira também destaca que seria necessária uma campanha para reduzir a quantidade de lixo gerada, reutilizar materiais e fazer a reciclagem antes de incinerar. "O lixo poderia ser reduzido até 20% do que é hoje se ta", explica o diretor do Hospital Santa Tereza, Ernei José Stähelin.

De acordo com o engenheiro da Comcap, Edmar Arruda, os Hospitais Celso Ramos, Caridade, Infantil, Florianópolis, São Sebastião, Universitário, polícia e postos de saúde da Prefeitura, já fazem a separação. No entanto, o resultado é insuficiente. "Mesmo que a medida fosse adotada por todos os hospitais, a diminuição seria aproximadamente de apenas uma tonelada", aponta Arruda. Para ele, os caminhões incineradores não vão resolver o problema. "Eles não processam nem 10% do lixo, além da dificuldade de operá-los e o alto cuso de R\$ 1.200,00 para processar uma tonelada de lixo", argumenta o engenheiro.

AR CONTAMINADO - Um caminhão tem a capacidade de processar 400 Kg a cada 8 horas. Na região de Florianópolis, com dois caminhões, seria possível incinerar 1.600 Kg das 4,5 toneladas recolhidas.

Outra questão colocada por Arruda é o perigo de contaminação do ar, através dos gases contidos na fumaça liberada durante a incineração. A Secretaria da Saúde garante que os caminhões têm filtros especiais para impedir a poluíção.

A Comcap assegura que existem alternativas mais baratas. Um incinerador da fábrica gaúcha Humwelt, por exemplo, custa R\$ 80 mil. "As unidades hospitalares maiores receberiam e processariam o lixo", explica Arruda. Em relação ao processo que a Companhia responde no Ministério Público, Arruda diz que o contrato com a Secretaria da Saúde prevê apenas o recolhimento do lixo. "Isso isenta a Comcap de qualquer responsabilidade com o aterro Santa Tereza", declara.

DO OUTRO LADO DAS GRADES E pesar das humilhações, presos e familiares se esforçam para manter a convivência uinta-feira, 16 de novembro. Luiz Savi chega com uma sacol de compras na penitenciaria de Florianópolis uma rotina semanal nos últi-•••• mos dois anos desde que o filho Murilo foi preso por matar um travesti com 14 facadas. Murilo, 32 anos, estava para se formar no curso de Arquitetura da UFSC quando foi detido, e até hoje jura inocência. Sua pena é de 12 anos. O leite-em-pó que seu Luiz, 65 anos, trouxe foi colocado em sacos plásticos. As bolachas e as duas barras de chocolate também. As bananas, cortadas; as laranjas, descascadas.Os sabonetes picados ao meio, as pastas-de-dente dobradas. Finalmente as compras do 6400 - o número de Murilo - podem ser levadas ao detento pelos agentes prisionais. A revista nos alimentos é comum para evitar que, dentro dos produtos, sejam passadas drogas e serras. "Já encontramos maconha

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Petres
Sandra
Visira

Barbara

fugindo da solidão

ZERO DEZ

95

A penitenciária de Florianópolis foi construida em 1924. Sua capacidade máxima é de 380 presos, mas atualmente abriga 450 detentos nas cerca de 160 celas em atividade. São desenvolvidas oficinas de trabalho laboterápicos, como costura de bolas de couro, marcenaria e artesanato. Além dos R\$ 15,00 pelos serviços feitos nessas oficinas eles têm direito a 10% do que é vendido. Os out-

ros 90% é para penitenciária, que fornece o material.

Há inclusive um *showroom* ao lado do complexo onde são vendidos os objetos confeccionados pelos presos. A mão de obra prisional também é utilizada por empresas e instituições que se responsabilizam em pagar um salário mínimo aos detentos que lhes prestam serviços, como o Centro Integrado de Cultura, a

UFSC e a prefeitura.

Cerca de 60% dos presos desenvolvem algum tipo de trabalho. Há ainda salas de aula onde são ministradas disciplinas para supletivo primeiro e segundo grau. Os professores, contratados pela secretaria de educação, não têm medo de lecionarem

numa penitenciária.

Com 71 anos, a penitenciária de Florianópolis está com sua estrutura comprometida. De acordo com laudo realizado pela Celesc, o sistema elétrico do complexo - além da penitenciária, também os presídios masculino e feminino - põe em risco a segurança dos detentos. Outro sistema que precisa de reformas é o hidraúlico. Há várias goteiras nas galerias, que provocam umidade constante.

Os detentos tem atendimento médico e odontológico. Há dois médicos, um clínico geral, no período da tarde, e um infectologista especializado em AIDS que vai à penitenciária algumas vezes por semana. As doenças mais comuns são tuberculose, hepatite, micoses, problemas cardíacos e de coluna, AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis. Há carência de remédios e não existe ambulância para transporte de casos mais graves para os hospitais.

Entretanto, na área de segurança a situação é ainda mais séria. Faltam muitos equipamentos, inclusive algemas e armas. Outro problema é o número reduzido de pessoal. O trabalho de segurança é feito por quatro equipes, cada uma com sete agentes prisionais, enquanto o ideal, segundo o diretor da penitenciária Felipe Genovez, seria de pelo menos 20 homens por equipe. "Trabalhamos com o empirismo e não com a racionalidade, pois não existe qualquer planejamento no setor há muitos anos", declara o diretor

O vencimento de um agente prisional- que entra por concurso, sendo obrigatório o segundo grau- é de R\$ 138,00, mas ele tem vantagens como adicional noturno e hora-extra. Alciméir Vieira trabalhando há quase 18 anos na penitenciária - dois com agente prisional - receberá este mês R\$ 440,00.

dentro de bolinhos fritos e serrinha dentro de uma banana", diz o agente prisional Osni dos Santos. Cocaína em casca de amendoim ou nas folhas datilografadas das cartas são outros exemplos de casos barrados na vistoria. Na lista de produtos que podem ser entregues há ainda limite de quantidade. Refrigerante, por exemplo, só é permitido um litro. E há coisas que não são aceitas, como fio dental, proibido por ser considerado material suicida.

A revista é estendida às pessoas que visitam os presos. Mulheres, homens e crianças tiram toda a roupa e se agacham sobre um espelho para mostrar que não guardam drogas na vagina ou no ânus. Ainda são revistadas as orelhas, boca, nariz, cabelos e sola dos pés. Mulheres com seios grandes precisam erguê-los. Já houve caso de encontrar maconha no ânus de um garotinho de cinco anos. "A criança chorava muito e nós desconfiamos. A mãe disse que eram vermes. Fomos ver eram pacotinhos de maconha", lembra Alciméia Vieira, que há 17 anos trabalha na penitenciária de Floria-

nópolis

A revista, embora obrigatória, é vista como humilhante pela maioria das pessoas que vão visitar parentes na penitenciária. "É muito chato ficar se abaixando sem calças", diz dona Argentina Cardoso, 61 anos. O sobrinho dela, HIV positivo, está preso por tráfico de drogas. As visitas são permitidas sábados e domingos entre 13 e 16 horas.

Banho Garantido - A precariedade das celas incentivou Murilo Savi a pedir serviço na cozinha. Embora tenha que trabalhar 13 horas por dia, lavando pratos ou fazendo comida, ganhou o direito de dormir no alojamento dos detentos que cuidam da alimentação. "Lá pelo menos o chuveiro funciona", diz.

Murilo é de uma família bem sucedida em Florianópolis, filho de um tradicional joalheiro. Ele está preso desde 1992, mas só foi condenado e transferido para penitenciária em 1994. Embora assuma que não gosta de homossexuais, nega o crime do qual é acusado, assassinato de um traves-



Detentos trabalham na cozinha para fugir das precárias celas

ti. "Roubaram meu carro e eu levei a culpa. Contratei a melhor perícia do Rio Grande do Sul para comprovar minha inocência, mas o juiz não aceitou. Alegou que eu podia ter comprado os peritos", reclama ele.

Na época seu caso abalou a sociedade local. Assíduo frequentador do Clube 12 de Agosto e da praia Mole, ele agora fala constantemente em Deus e reclama da solidão do cárcere. "Nessas horas sabemos quem são os amigos de interesse", diz citando a evolução espiritual após estudar a Bíblia e receber apoio de gente que nem conhece, como membros da igreja Assembléia de Deus, que eventualmente lhe enviam cartas. "Meus amigos de clube me abandonaram completamente", diz. Além do pai, sua esposa, ex-miss Florianópolis, também o visita todos os sábados. A filhinha de quatro anos foi somente duas vezes na penitenciária. "Ela acha que estou num coleginho. Nós estamos escondendo dela", lamenta. A mãe de Murilo nunca foi a penitenciária: não admite passar humilhante revista.

A carência afetiva aumenta com o tempo. Murilo sente falta de sexo. Uma vez por mês ele, como a maioria dos detentos, tem direito à visita íntima, num "motelzinho"na penitenciária com quatro quartos e banheiros.

ADAPTAÇÃO - Quando chega à penitenciária o detento fica normalmente 30 dias no isolamento, um cúbiculo frio e umido. Murilo, primo do Diretor de Administração Penal, Luiz Carlos Rováris, ficou só seis dias, mas já foi suficiente para se desesperar. A única coisa que lhe deram foi um colchão fedorento. Preferiu dormir no chão, em cima de sacos plásticos. "No segundo dia resolvi encarar o colchão, mas colocaram um velhinho preso comigo. Dei o colchão pra ele e continuei no chão", lembra.

De acordo com a "lei dos presos" há dois tipos de detento, o cagüeta - dedo-duro- e o homem que leva o castigo sozinho se for acusado de alguma coisa, mesmo que não tenha culpa. "Aqui na penitenciária não acontece nada ao cagüeta a não ser ficar mal visto. No presídio ele é linchado", diz com a experiência de quem já passou também pelo presídio de Florianópolis.

No presídio ficam os presos em flagrante, que respondem processo ou estão recorrendo à justiça. Na penitenciária estão os condenados. Eles podem cumprir a pena em regimes fechado (só podem ficar na cela), semi-aberto (pode ficar fora da cela, limpar a penitenciária e áreas próximas), ou aberto, que só dorme na penitenciária, mas tem que apresentar a carteira assinada.

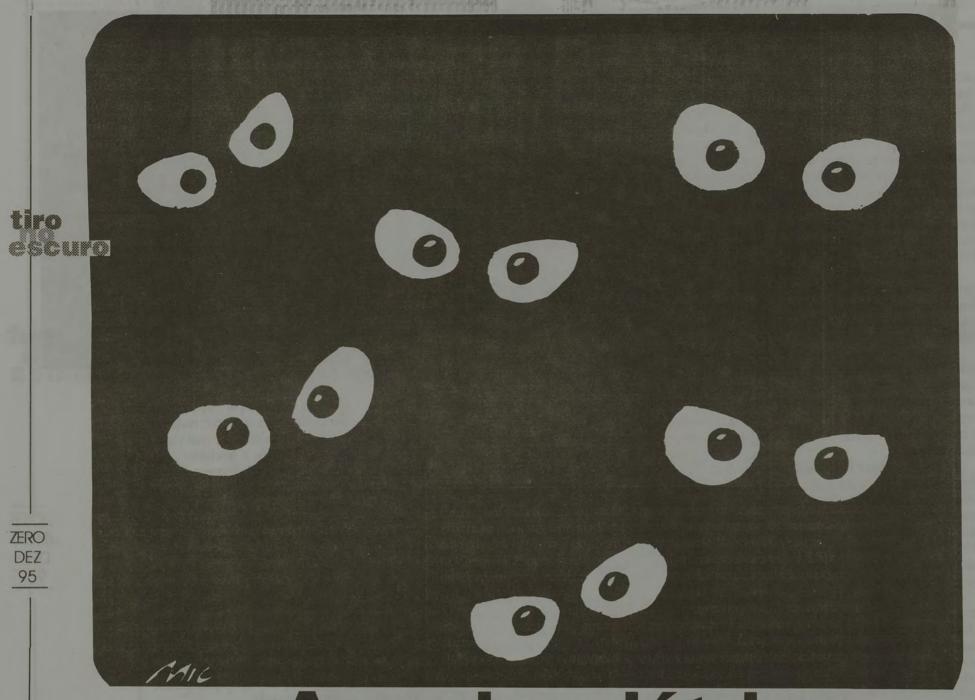
COMIDA REJEITADA- Desde o último dia 15 de novembro os presos da ala de segurança máxima estão em greve de fome. Reclamam que a alimentação servida é ruim e não podem receber visitas íntimas. Os presos da segurança máxima são os mais perigosos e de pena maior. Mas não é a violência do crime que determina a periculosidade do criminoso. Perigoso é quem lidera quadrilha ou que tem poder entre os presos.

Eles recebem familiares sem tirar as algemas, durante 30 minutos, somente uma vez por semana. "Ele deve pagar, mas como ser humano", indigna-se Patrícia Guimarães Assmus, mulher do líder da manifestação, José Carlos Bilhan, gaúcho preso por assalto a bancos. "Falta pouco para isso aqui ficar parecido com as masmorras da Filadélfia do século XVIII", completa o advogado de Bilhan, Alexandre Junqueira lembrando que ao contrário do que prevê a Lei de Execução Penal, os homens são mantidos em cubículos de quatro metros quadrados - a lei estipula seis - e com precariedade na iluminação.

A Comissão de Direitos Humanos da OAB/SC visitou no dia 21 a penitenciária de Florianópolis para avaliar a situação. Eles não gostaram do que viram. O relatório foi enviado para o governador e para o Secretario da Justiça e Cidadania Samuel Nercolini.

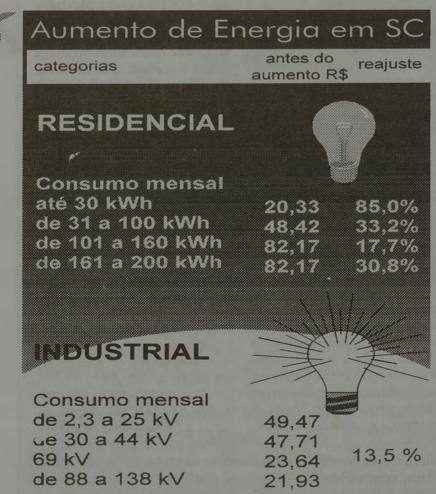
ZERO DEZ 95





Arrocho elétrico

Governo reduz subsídios da energia e aumenta a conta para quem consome menos



« os reajustes da tarifa de Celesc, Paulo Meller, explica que energia anunciados pelo Governo federal, • • • • • mais uma vez a cadeira elétrica serviu para punir a classe média e a população de baixa renda. Os maiores aumentos, apresentados como redução de subsídios, atingiram principalmente a faixa de consumo mais baixa, de 0 a 30 quilowatts/ hora ao mês, e as médias, de 160 e 170 kWh. Esses passaram a pagar quase o dobro. Em compensação, os usuários industriais, em especial os maiores, safaram-se bem do castigo, com um reajuste médio de 13,5%. Isso quando se observa que sua tarifa é menor, que recebe muito mais incentirepresenta metade do consumo de energia e os maiores valores da inadimplência. Mas a cadeira elétrica, como se sabe, não foi feita para eles.

O aumento para até 30kWh ficou em 85%. Já até os 160, a tarifa baixa conforme o gasto com 2000kWh, sofreram ape-

EQUIVALÊNCIA - No caso dos industriais, não há com que eles se preocuparem. No segunvos do que o usuário residencial, do trimestre deste ano, representavam praticamente metade do mercado de energia mas apenas 37% do faturamento das distribuidoras. O residencial, o comercial e os demais -rural, serviço público, etc.- estão equilibrados entre um percentual e outro e nenhum chega a mensal aumenta. Os maiores mais de 25% do mercado. O consumidores residenciais, comércio chega a representar 6% a mais do faturamento em Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina esidente da relação ao que gasta.

as faixas mais baixas eram estim-

uladas para que se gastasse

menos, "mas trinta quilowatts/

hora pagavam 60 centavos ao

mês, não compensava nem a

emissão da conta". Isso mostra

que não é bem verdade a idéia

de que o governo subsidiava

tarifas dos pequenos por razões

sociais. Também não justifica os

acréscimos de 92% para 160kWh

e 87% para 170 kWh, que já

pagavam entre R\$ 9,00 e R\$

10,00, o que certamente cobre a

emissão da conta.

Alexandre Winck





Celesc admite defasagem na tarifa do setor indústrial

Os maiores consumidores industriais -uso intensivo, alta tensão- atingem aproximadamente 21% da energia consumida, mas não mais do que 10% ou 15% do faturamento.

São os maiores subsidiados, chegando a pagar um terço da tarifa obrada de quem tem luz em ci 1. O total investido em incentivos do governo para energia do setor fabril chegou no ano passado a R\$ 7 bilhões. Só isso cobre o que a área energética precisa de investimentos até o fim do século e ainda sobra um troco de cerca de R\$1 bilhão. Alega-se que existe o custo Brasil, que a indústria necessita produzir para gerar empregos, etc. Com o mesmo raciocínio poderia-se pedir esses benefícios para o cidadão comum, que consumiria mais e faria as fábricas trabalha-

Pelo menos em parte, a administração federal tem motivos para isso. A justificativa é de funcionamento das fábricas do que para as casas, o que é verdade. O problema é que, conforme técnicos da própria Eletrosul, isso não poderia gerar um desconto maior do que 30 kWh ao mês, o que costuma ser excedido em muito. "O Brasil é um dos Países onde existe maior dispersão", assegura um técnico. Em junho, pagou-se em média nas grandes fábricas R\$ 25,68. Em casa, em média, saiu por R\$ 70,89.

ESTADO DISCRETO - Em Santa Catarina, esse privilégio não fica tão evidente porque não há nenhum consumidor industrial do maior nível, A1, no estado. Outra mostra do caráter elitista do benefício, pois toda a Região Sul, uma das mais industrializadas do País, tem apenas dois desse tipo. Os que estão abaixo disso não recebem subsídios propriamente ditos, mas pagam bem menos que os residenciais, embora representem 46% do consumo e sejam o setor com maior participação no valor da inadimplência do sistema. Quanto à tarifa industrial

de Santa Catarina, o Assistente de Geração de Energia da Celesc, Ricardo Moritz, admite que está defasada. "Ela poderia ser mais alta por causa do nosso custo de expansão". As maiores do setor fabril no estado pagaram R\$ 24,89 em novembro de 95. Entre os "de casa", variou entre R\$ 37,62 e que custa menos para as distri- R\$ 107,49. Na inadimplência, buidoras fornecer energia para o então, há bem mais feijão a se comer para alcançar o outro. O acumulado de papagaios vencidos do setor fabril de Santa Catarina chegou em setembro a R\$ 21,6 milhões, uma engorda de quase três vezes mais do que os R\$ 8,5 milhões das contas que o cidadão deixou de pagar. O chefe do Departamento de Serviços e Consumidores da Celesc, afirma que a culpa é da situação: "normalmente, a indústria é um bom pagador".

Com um cobrador como o

tarifa alta

Há outra questão em que muitos vão pagar mais do que uns: a construção da Hidrelétrica de Itá. O Sinergia acusa a Eletrosul de estar cobrando uma tarifa mais alta em função do tempo desperdiçado com os atrasos da obra, um custo que não será repassado ao consórcio privado vencedor da licitação. O secretário-Geral da Eletrosul, Laércio Dias, alega que existem despesas extras provocadas pelo fato do projeto ter demorado até agora dez anos ao invés dos cinco previstos inicialmente, mas que elas são contábeis, não entram na tarifa. Com isso. a tarifa necessária para cobrir os custos da Eletrosul seria de apenas 17 Reais por quilowatt/hora, apenas dois a mais do que a relativa ao custo do consórcio, formado pela Companhia Siderúrgica Nacional(CSN), Polioletinas S.A., Companhia Industrial de Polipropileno(CIP) e Indústria de Cimento Itambé.

O que Laércio parece estar tentando dizer é que existe, no caso, uma despesa acumulada que ninguém paga, uma espécie de milagre da desmultiplicação dos custos. Uma auditoria aprovada pela Departamento Nacional de Aguas e Esgotos(Dnaee) apontou que o valor da obra é de R\$ 231 milhões, que seria o correspondente à tarifa. Segundo um técnico, também da Eletrosul, o tempo gasto representa uma Correção Monetária Normal que remunera 10% ao ano e entra, sim, na tarifa. Se não entrar, a conta fica para o contribuinte. Com o tempo extra consumido, o custo da obra chegou a R\$ 500 milhões.

Segundo o sindicato, baseado em docuemntos do Dnaee, com isso a tarifa referente à Eletrosul sobe para R\$ 52 kWh ao mês. Levando-se em conta a parte que da energia que a Eletrosul compra do consórcio, mais barata, fica em R\$ 43 kWh. A influência disso no que é cobrado dos consumidores do estado é de 13%. Menos para o consórcio, que terá energia a um custo considerado o mais baixo do País. de R\$ 16 kWh. As empresas usufruirão desse direito por 30 anos.



governo, não é tão difícil. O do Fórum, Raolino Broenig. Sindicato dos Eletricitários prelista dos 100 maiores devedores do sistema, em setembro do ano passado, publicada no jornal Linha Viva. O sindicato arrumou inclusive encrenca com uma cooperativa de Jacinto. Foi necessária outra ação para que a empresa enviasse um documento mostrando o que estava fazendo para cobrá-los. Mas o material enviado estava "fora de ordem, com vários trechos escritos à mão", segundo o promotor da 2º Vara de Fazenda

Em novembro, a Centrais cisou de um mandado judicial Elétricas de Santa Catarina paspara que a Celesc divulgasse a sou a uma ação mais rígida. está enviando avisos de cobrança a todos os que não estão em dia. Os prazos para que o inadimplente apareça para negociar não passam das 72 horas. O castigo vai além da simples suspensão do fornecimento. Os maiores devedores, principalmente da indústria e do próprio governo, correm o risco de sofrerem cobrança judicial. Isto depois de um atrașo total de R\$ 80,8 milhões. As vezes, a cadeira elétrica é de baixa voltagem.

Aos amigos, tudo

Paulo Afonso favorece empresas que contribuíram para campanha de 1994

toma lá, dá cá

ZERO

DEZ

95

governador Paulo Afonso Vieira não é o tipo de político que * esquece daqueles que o ajudaram durante a campanha. Pelo menos no que diz respeito às empresas que de alguma forma contribuíram com sua eleição. Antes de completar um ano de mandato, a oposição já suspeita de três irregularidades da atual administração, envolvendo duas das suas maiores compradoras de bônus eleitorais e as empresas que cuidaram da propaganda eleitoral da coligação Viva Santa Catarina.

Em agosto, a Intersindical dos Eletricitários em Santa Catarina denunciou que a Celesc estaria dirigindo uma licitação para beneficiar a empresa Inepar S.A. Indústria e Construções. A empresa foi a quarta maior compradora de bônus eleitorais da chapa Paulo Afonso/José Hülse, com R\$ 80.530,00. O edital, para a execução de obras do projeto Viva Luz, exigia dos fornecedores certificados de qualidade ISO 9000 e capital social superior à R\$5 milhões. A Inepar é a única entre as 35 empresas cadastradas na Celesc a atender os requisitos.

procedimento normal da Celesc. A estatal jamais exigiu certificação de qualidade das suas fornecedoras. Para realizar o controle sobre elas, a empresa possui o Departamento de Controle, que inspeciona os produtos ainda na fábrica. Não raro, o departamento recusa lotes inteiros de produtos comprados e aprovados. Apenas em um um ítem o processo segue o habitual na estatal. Segundo o manual de licitações da Companhia, em caso de apenas uma empresa apresentar propostas, a concorrência deve ser anulada. Como além da Inepar outra empresa estava presente, este risco foi afastado.

À abertura do edital, prevista para 31 de julho, foi transfe-

rida para 11 de agosto com o surgimento das primeiras denúncias. Neste dia, além da Inepar, apenas a Cegelec Engenharia S.A. compareceu com propostas. A Celesc, porém, cancelou a abertura, obedecendo o pedido do Tribunal de Contas do Estado. Ao analisar o edital, o TCE sugeriu que se retirasse as exigências quanto a certificação de qualidade e o capital social necessário.

Não foram os únicos problemas encontrados. O edital contraria a lei 8.666/93, que trata das licitações, por não apresentar os projetos executivo e básico que especificassem as obras contratadas. Também não havia previsão de custos.

Sary Alves, da Intersindical, explica que esse documento é como um cheque em branco. O edital não especifica um objeto. Apenas define "a contratação de uma empresa para a execução de obras em regime integral". De concreto, fala apenas em ampliação e melhorias na rede de eletrificação rural em Santa Catarina. O contrato se estenderia por 50 meses, ou seja, até o fim do atual governo.

nder os requisitos.
Essas restrições fogem do cedimento normal da Celesc. statal jamais exigiu certificio de qualidade das suas ecedoras. Para realizar o conce e sobre elas, a empresa posto Departamento de Controle, inspeciona os produtos ainta fábrica. Não raro, o departamento recusa lotes inteiros de dutos comprados e aprova-

CASO CONFUSO - Com as denúncias, o presidente da Celesc, Paulo Meller, teve que explicar-se na Assembléia Legislativa. Lá, deu os números que faltavam ao edital. Até de sobra. Falou primeiro em R\$ 20 milhões, depois R\$ 60 milhões e terminou em R\$ 80 milhões, para 10 mil quilômetros de rede elétrica.

Celesc teve que cancelar o edital a pedido do TCE

Empresas que mais contribuiram com a campanha de Paulo Afonso Vieira







EDUCAÇÃO

Em 1995, foram US\$ 14 milhões só em publicidade

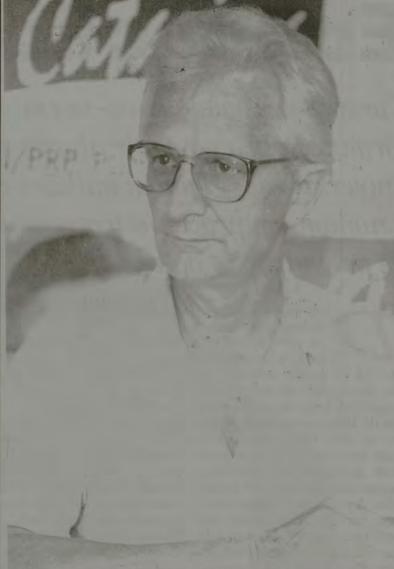
FAZENDO PARA CO UM ESTADO DE QL

CULTURA

VEJA MAIS UM PO DO QUE O GOVERN

SANEAMENTO

QUALIFICAÇÃO PR



Licitações são o maior problema da atual administração

ZERO DEZ 95

toma la,

A confusão de Meller bem que pode ser entendida. É complicado determinar valores quando se fala em obras de abrangência estadual. Tanto pode se estar instalando uma rede elétrica no litoral e em terreno arenoso como no planalto, com o solo coberto de pedras, ou ainda numa área de mangue. Para Alves, isso também depõe contra a idoneidade do processo. O usual na Celesc é que, devido a dificuldade, se demore até um ano para completar o estudo de um edital. Este, entretanto, ficou pronto em seis meses.

GERAÇÃO DE EMPREGOS

No entanto, é difícil aceitar a extensão de 10 mil quilômetros. A Celesc, hoje, atende 96% do território catarinense. Conforme Alves, ele próprio funcionário da Celesc, a rede de eletrificação rural está praticamente completa. O que faltam agora, são extensões a partir do término das linhas, para novas propriedades surgidas nos últimos anos. Isso também significa que deveria se saber a quem as obras atenderiam. Mais um motivo para que existisse um projeto mais detalhado quanto a custos e

PUBLICIDADE - OTCE ainda está analisando a denúncia de mais uma afronta a lei 8.666/93. Em maio, ZERO publicou uma reportagem mostrando que o orçamento para publicidade do governo de Santa Catarina era maior que o do Paraná e do Rio Grande do Sul. O principal problema não é esse. O PPR, hoje PPB, e o PT encaminharam uma representação ao Tribunal de Con-

O governador Paulo Afonso Vieira gastou, até o último mês de outubro, R\$ 14.883.852,49 em propaganda. Só a secretaria da Cultura e Comunicação Social (cultura?) gastou R\$ 3,1 milhões com propaganda. A secretaria de Educação, R\$ 2,1 milhões, e o gabinete do governador, R\$ 1,2 milhão. Para os deputados estaduais da oposição, o governo vai mesmo gastar os R\$ 23 milhões orçados ainda este ano.

Diante destes números, não é difícil imaginar porque, como disse o senador Vilson Kleinübing (PFL) ninguém fala mal do governador Paulo Afonso em Santa Catarina. Ninguém da imprensa, é bom lembrar. Impossível. Os jornais estão amordaçados.

E não é difícil se constatar o gasto exagerado com publicidade. O cidadão catarinense está tendo que suportar uma avalanche de propagandas que fere frontalmente a legislação sobre publicidade governamental. A lei veda a promoção pessoal dos ocupantes de cargos públicos e a utilização de marcas que identifiquem determinada administração. A propaganda não só contém a indefectivel marca do governo do PMDB como o próprio governador farta-se em aparecer no vídeo, mostrando a realização de obras. Muitas delas, é bom lembrar, iniciadas na administração anterior.

É bom que os deputados não esqueçam a desavergonhada campanha publicitária promovida pelo atual governo quando forem analisar as contas desta administração. Mas até lá, a inepta comissão de Fiscalização e Controle da Assembléia Legislativa já poderia tomar alguma iniciativa de fazer com que o governo cumpra a legislação de publicidade.

Paulo Henrique de Sousa

tas do Estado para avaliar o processo da concorrência 01/95, que trata da distribuição daquelas verbas publicitárias.

Para determinar as empresas vencedoras, o governo adotou o critério técnico. Para isso foi criada uma comissão especial de licitação para avaliar as propostas. Segundo os partidos de oposição, a composição da comissão foi irregular. Nela, estavam presentes Ilson Craves, ligado a Cronópios, parceira da agência Angulo, e a secretária da família Fernanda Bornhausen de Sá, ligada a Art-

plan. A atitude contraria o artigo 3º da lei de licitações, que determina a imparcialidade e a impessoalidade dos responsáveis pela seleção. A Artplan também foi responsável pela campanha de Paulo Afonso ao governo. Juntas, as duas agências ficaram com 70% dos contratos. Já a Propague, uma das maiores do estado, não levou

A concorrência também não estabelece diferença entre o trabalho de criação e o de divulgação das peças publicitárias. Ambos ficam sob a responsabilidade da

mesma empresa. Os deputados do PPB e do PT acreditam que deveria existir a separação dos contratos. Eles sustentam que os custos de criação chegam a apenas 5% do valor total. Da forma como está, a responsável pela criação da peça publicitária pode contratar o veículo que quiser para sua divulgação, a parte mais cara do negócio, sem precisar passar por licitação. Mais um cheque em branco, como no caso da Celesc.

O PPB e o PT também desconfiam de irregularidades no BESC. No dia 30 de outubro, ambos pediram uma revisão no balanço de atividades do Bescor e Besc Clube, responsáveis pela venda de seguros no Banco do Estado de Santa Catarina. Querem também analisar os contratos entre o banco e a Companhia Paulista de Seguros. A intenção é averiguar denúncias de que 75% dos contratos feitos pelo balcão de seguros do Besc é negociado com a Copase irregularmente. A Companhia foi nada menos que a maior contribuinte na campanha de Paulo Afonso, com R\$ 160.060,00 em bônus eleitorais.

Até agora, o governo do estado não atendeu o pedido da oposição. Estranho, para pessoas que sabem o que acontece com o dinheiro público quando não fiscalizado. Afinal de contas, Paulo Afonso era secretário da Fazenda e José Hülse secretário de Obras na época da construção da ponte Pedro Ivo Campos. Certamente o nome do engenheiro Miguel Orofino não lhes é estranho.



Cursinhos especializam-se em fórmulas para garantir alunos na universidade, ganham milhões e detonam um processo irreversível de privatização do ensino.

• • • • passar o natal e o ano novo com os nervos em er dessas empresas. O curso que frangalhos. Logo nos primeiros fica em frente ao sindicato, o Enerdias de 1996, como acontece to- gia, ofereceu o triplo do valor do dos os anos, farão cansativas e aluguel ao proprietário das salas usquase intermináveis provas para adas para usar o espaço hoje ocutentar uma vaga na universidade, pado pelo Sinte. "O aluno só e, quem sabe, dar um rumo às suas aprende macetes para passar no gente tem nome: vestibular, um conhecimento de mais nada", disse testão inventado há pouco mais de Marta. O próprio presidente da duas décadas que, de tão impor- Coperve, Wilson Erbs, admite que tante, gerou a indústria do cursin- é difícil atingir todos os objetivos ho que movimenta milhões de que estão especificados para a elareais e ajudou a empurrar a edu- boração das provas como a avalcação tradicional pelo ralo.

existem há décadas nos grandes grau. Além disso, o número de va- colegial, e este ano teve seis. centros e, há pelo menos dez anos, gas é desproporcional à quantidade vêm causando uma situação curi- de futuros universitários. Para o procurados são o Centro Educa- Alegre. Além disso, um Energia teiro. "O professor tem que osa em Florianópolis. Colégios vestibular 96 na UFSC estão ins- cional Geração, o Colégio e Cur- pré-escola e primeiro grau será in- apelar para a 'empurraterapia'", tradicionais da cidade, como o critas 22.750 pessoas, que brigam so Decisão e o Curso e Colégio augurado no bairro Córrego afirma Nílson da Silveira, pro-Catarinense e o Coração de Jesus, por 3.168 vagas. estão perdendo seus alunos para este tipo de escola, que oferece também o segundo grau.

para o vestibular, é considerado segundões que o tradicional Colécursinhos são apenas uma fábrica e prevê 800 para 96. O Energia

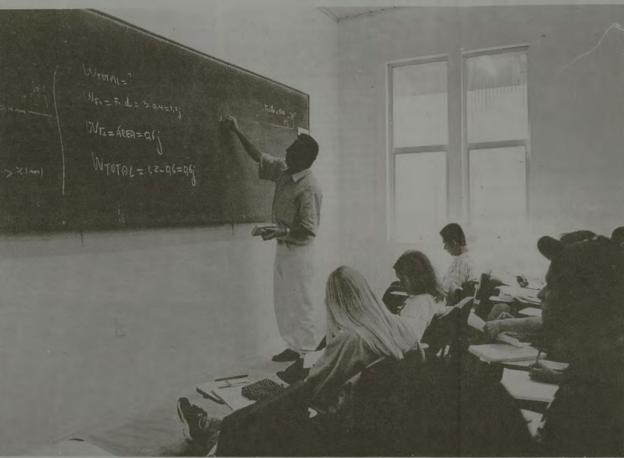
ois milhões e meio da imposição do vestibular", rebate de brasileiros, a ma- Marta Vanelli, diretora do Sindiior parte jovens en- cato dos Trabalhadores dem Edutre 17 e 21 anos, vão cação de Santa Catarina (Sinte).

Marta conhece na pele o podvidas. A pedra no caminho dessa exame. Entra num curso e não tem iação dos alunos e a verificação do Os cursinhos pré-vestibulares conhecimento adquirido no 2º

fator crucial para esta debandada gio Catarinense - onde estudaram dos colégios tradicionais. O ensi-vários governadores do estado -

do método dos cursinhos pode ser sores do extinto Bardall do cen- ualmente é o cursinho mais bem visto pelos coordenadores O método de ensino dos cur- detectado facilmente, pois seu tro (que acabou se tornando o procurado pelos vestibulandos de dos cursinhos. "Não adianta fasinhos, totalmente direcionado crescimento é espetacular. Os 11 Energia), e no início funcionava Florianópolis. Seu número de a-zer um monte de piadas e não no de religião ou filosofia, bem possuía ano passado tornaram-se que inclui um colégio de pri- todos os alunos pagando as 12 Ramos, o "Cebola", professor como uma educação mais cívica do quatro terceirões este ano, nos meiro grau na Agronômica, um mensalidades, o Energia faturar- de física e diretor do Geração. aluno, não fazem parte do método quais se espalham cerca de 200 colégio de segundo grau na Fe- ia cerca de 3 milhões de reais com de ensino destes colégios. "O aluno alunos. O Decisão, um dos três lipe Schmidt, uma gráfica, uma o cursinho. Isto sem contar o se-João Silveira, professor de mate- com o Energia e o Geração, teve de colégios em Tubarão, Bal- e Decisão, a soma do faturamen- disseminação dos cursinhos são mática e diretor do Decisão. "Os 560 alunos no terceiro deste ano, neário Camboriú e Blumenau. de fazer dinheiro que se beneficia tinha duas turmas de cada ano do e menor dos três. Tem 1.500 alu- hões de reais.

Cebola criou um curso extra para reforçar o ensino do Geração



A pressão do vestibular e a crise do ensino lotam as salas de aula dos cursinhos

Energia. O Geração é o mais an- Grande no ano que vem. Seja pela fessor de biologia e diretor Bom NEGÓCIO - O sucesso atividade. Foi criado por profes- pelo boca-a-boca, o Energia at- gia. Mas este método não é tão como uma cooperativa. Hoje são lunos gira em torno de 3.600 a ensinar nada", afirma João Siltreze sócios, que chefiam 102 4.000. Só no cursinho pré-vesti- veira. "15 palhaços vira escufuncionários e um patrimônio bular, são cerca de 2.000. Com lhambação", afirma Edson Osni

nos, metade do númeto Barriga Verde.

todos os alunos con- Catarina. centrados no prédio da

Os três cursinhos mais como Joinville, Tubarão e Porto e assuntos e falar o tempo intigo dos três, com dez anos de massiva campanha publicitária ou didático-pedagógico do Enerto dos cursinhos pré-vestibular mera "modinha", como dizem

foi criado, em 90, por de cursinho tem fama de bem vas da disciplina no vestibular. professores que vieram humorado, o que as más-linguas Vale lembrar que cursinhos cia de uni a salário ser, em geral, bem maior Objetivo de São Paulo e o Positi-AMIGÃO - O Energia a título de registro, paga a me- sos superiores. Portanto, não é foi criado em 89 e tem lhor valor hora/aula de Santa nada impossível que qualquer dia

escola, na rua Saldanha os recursos para prender a Resta saber se o projeto do min-Marinho. A falta de es- atenção do aluno, como vari- istro da Educação pode acabar paço é crítica e assim ações no tom de voz, motivar com as distorções geradas pelos como o Geração, já os alunos através de músicas e testes vestibulares.

possui colégios em outras cidades repetição, teatralização de fatos

O Decisão é o mais novo, chegaria a aproximados seis mil-muitos, pode estar enganado. A nova onda são "especializações" O famoso "professor de dos cursinhos. Estão surgindo os ro de alunos do Ger- cursinho" também ajuda a cres- superintensivos, espécie de reação, espalhados por cer o contingente de alunos. forço do próprio cursinho, como salas da Rua Trajano, Geralmente com fama de "gen- o Operação Cebola (do diretor do Deodoro e Tenente Silte boa" e "amigão", ele está Geração), e cursinhos específicos veira, e especialmente longe do estereótipo que acom- de uma disciplina, como o Curso na Rio Branco. Lá fica panha o professor tradicional, One Way de inglês para o vestibuo colegial, que também severo e exigente. O professor lar, desenvolvido a partir de pro-

do Energia e do extin- garantem vir do fato de seu já tradicionais no país, como o mo vestibular. do que o da maioria de seus vo de Curitiba, acabaram se tor-PROFESSOR colegas brasileiros. O Decisão, nando tão fortes que criaramcuracabemos nos deparando com as Seu estilo didático usa vári- Faculdades Energia ou similares.

quer passar no vestibular", afirma maiores de Florianópolis, junto sede rural no Rio Vermelho, além gundo grau. Junto com Geração Quem pensa que o processo de Aflição: somente a concentração não basta para conseguir uma vaga na universidade

OPERAÇÃO CEBOLA -

"adivinhar" o conteúdo das provas de vestibular. Esta "adivinhação" nada mais é do que um estudo do que pode cair nas provas. Os assuntos costumam aparecer ciclicamente, de tempos em tempos. As probabilidades dele cair na próxima prova são conseguidas estatisticamente. Assim, quanto maior o tempo de ausên-

Mas o fundamental é conhecer a vida profissional dos sujeitos contratados pelas universidades para elaborar as provas. Se a pessoa é especialista em ecologia, por exemplo, este assunto deve aparecer nos exames. Os professores de cursinho conseguem "adivinhar" de 70 a 80% das questões que caem no vestibular da UFSC.

Talvez por isso os donos dos cursinhos não gostem de mudanças nos conteúdos tradicionais. Nas definidamente", explicou o professor. De acordo com poucas vezes em que se tentou alterar a programação e ele o motivo da indignação dos cursinhos foi a nedar um tom mais analítico às questões, os autores da cessidade de mudar o programa.

Os professores de cursinho possuem "a capacidade" mudança foram criticados. Foi o que aconteceu entre 1985 e 1986 com o professor Valdir Rampinelli, vice-presidente da Apufsc, e outro colega que elaboraram a prova de OSPB da UFSC. Na época, a maioria das perguntas dos exames anteriores eram baseados em assuntos como a ONU e a OEA. "Tentamos colocar mais questões que falavam sobre as ades que aletavam o brasil, disse Kan inelli. O conteúdo das provas destacava uma série de problemas do 3º mundo como a dívida externa, a posição do Brasil no contexto latino-americano e a nova ordem econômica dos países latinos.

O número de questões sobre o assunto também foi alterado e isso incomodou. Pelo menos metade da prova perguntava sobre a América Latina. "O que eles querem é pegar o kit que eles têm e repetir in-

Luciane Lemos

Renê Müller

Mudando para sobreviver

Colégios tradicionais mudam o currículo para competir com dinheiro os cursos pré-vestibulares

ZERO

DEZ

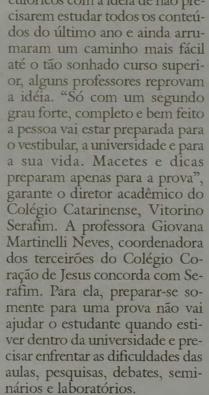
95

om a multiplicação dos cursos Pré-Vestibular em Florianópolis, as • • * tradicionais escolas de segundo grau da cidade vêm perdendo professores e alunos ano a ano. Atraídos pelas milagrosas fórmulas de aprovação no vestibular, os alunos completam os dois primeiros anos do segundo grau e trocam os colégios, onde seus pais e avós estudaram, pelos cursinhos.

Em um semestre se aprende o conteúdo resumido de toda a terceira série e no outro uma grande revisão da primeira e segunda séries. Alguns alunos garantem ainda que, mesmo precisando fazer provas e ter um mínimo de presenças nas aulas, o sistema do terceirão não é tão rígido quanto nos colégios con-

Ao contrário dos estudantes,

eufóricos com a idéia de não pre-





que os alunos acreditam ser a única forma de vencer o vestibular. Outro argumento que eles usam para provar a instabilidade desta nova forma de ensino é o constante rodízio de escolas na preferência do público. "É uma coisa cíclica: primeiro foi o Barriga Verde, depois veio o Barddal, seguiu-se o Geração, de onde saiu o Decisão. E hoje a febre é o Energia. Isso sem falar em cursinhos menores, que ainda estão se estruturando", conta o professor Serafim. Quanto ao destino destas escolas, os professores prevêem uma vida curta, cuja solução seria um remodelamento da didática. Manter as características atuais de preparação mas com uma formação mais sólida. Muita coisa que não Hé vista nos cursinhos é necessária para o estudante durante e depois da universidade. As escolas

"Estamos reforçando o segundo grau, inovando na carga horária, completando o curso. Todas as matérias, exceto inglês e geografia, terão mais de um professor. Cada disciplina será subdividida entre dois ou três professores. Será um ensino de segundo grau muito mais com-

tradicionais acreditam na ne-

cessidade desta base forte do

ensino.

ulados e aulões de revisão são outras das táticas que o Colégio Catarinense vai usar a partir de 1996 para enfrentar o crescimento dos cursinhos. No Coração de Jesus, a intenção é modernizar o terceirão, com materiais didáticos melhores, mas sem deixar de lado as características do ensino "normal" que as famílias da cidade tanto apreciam.

A única questão em que o diretor acadêmico e a coordenadora discordam, é a perda de professores. No Catarinense a saída dos professores é baseada no fator salário. Se os cursinhos, a UFSC ou a Escola Técnica Federal oferecem salários maiores, a evasão docente é certa. No Coração de Jesus a situação é diferente. O Colégio garante que seus professores continuam trabalhando normalmente. Um bom número também leciona em cursinhos de Florianópolis, mas continuam no Coração e acabam trazendo a experiência dos extensivos, terceirões e aulões para as aulas tradicionais. A coordenadora dos terceirões do colégio diz ainda que os alunos do Coração estão saindo, e sim retornando. "Antes nós tínhamos 130 alunos, depois passamos para 180 e hoje temos 225 estudantes no nosso terceirão. É uma boa prova de que o ensino tradicional ainda conta muito"



Alguns professores criticam a metodologia dos cursinhos

mudanças na lei

O Ministério da Educação pretende alterar o processo de entrada nas universidades a partir de 1996. Pela proposta do governo o estudante que completar o 2º grau poderá fazer uma prova que vai ajudá-lo a entrar para a universidade. A idéia é que um único exame seja preparado por instituições particulares, como o Cesgranrio do Rio de Janeiro, sem nenhuma distinção por região ou entre escolas particulares e privadas. O que não obriga as universidades a aceitarem esse exame como método se seleção. E mesmo que isso aconteça, poderão definir que critérios usarão para preencher as vagas.

Para o estudante as novidades são muitas. Quando não se sen em condições físicas ou psicológicas ficará dispensado de fazer a prova e caso faça a prova e não obtenha bons resultados, terá outra oportunidade. No certificado constará sempre a última nota.

Mas os planos do ministro da educação podem ser brecados por problemas legais. A lei nº 5.540, de 1968, especificou que a classificação nos vestibulares é a única forma de acesso às universidades. Para alterá-la seria necessário que a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), regulamentadora do ensino no país, seja aprovada no Congresso no início do ano que vem com uma observação que possibilite a utilização de outros métodos de seleção. O único problema é que a LDB tramita há anos pelos gabinetes de Brasília.



Nova legislação pode alterarr critérios para seleção

Bonassoli

Pedalando até o fim do

mundo

Três estudantes do curso de geografia da UFSC vão para a Patagônia de bicicleta

nspirados nas aventuras de Amir Klink, três estudantes do curso de • • • • * geografia da UFSC, partiram de bicicleta esta semana para Ushuaia (Tierra del Fuego - Argentina), a cidade mais ao sul do mundo. Emerson Vieira Marcelino, 23 anos, Jorge Elias Dolzan, 21, e Orlando Ferretti, 22, pretendem fazer um trabalho histórico-cultural da região da Patagônia. O retorno está previsto para o dia 26 de fevereiro de 96, completando aproximadamente 5 mil km de percurso.

Dificuldades marcam a realização o projeto. A primeira é o fato de Florianópolis não possuir material necessário sobre a região. As informações foram obtidas por revistas de ciclismo e por um ciclista catarinense chamado Renato, que planeja a mesma aventura há dois anos e sairá de Buenos Aires em janeiro de

A segunda dificuldade está no trajeto, que no Brasil evita as movimentadas estradas de dezembro e na Argentina é litorâneo, passando por regiões completamente desabitadas. O trecho jamais foi completado por ciclistas, que preferem utilizar o sul da cordilheira dos Andes. "Talves a gente volte por lá, ou pegue carona em navio ou avião", diz Emerson. Mesmo no verão, o clima também é um obstáculo, pois apresenta variações bruscas de temperatura e chega a zero grau à noite, podendo inclusive

Porém o maior problema está na falta de patrocínio. Mesmo com o apoio de algumas instituições, ainda faltam R\$ 15 mil para a viagem (alimentação, pernoites, problemas com bicicletas e ciclistas), além de alguns equipamentos e da alimentação liogente que não nos dá apoio porque pensa que são apenas três vadios querendo passear", diz Emerson.

Mesmo assim, há quem dê apoio aos estudantes. O colégio Energia doou R\$ 2 mil para a compra das bicicletas, que vieram dos Estados Unidos. A Acadêmia Raia 4 deu acesso livre diariamente à modalidade condi-



Emerson, Jorge e Orlando esperam completar o percurso até fevereiro de 1996

garantiu alguns acessórios para as bicicletas, além das revisões mecânicas. Á UFSC dá o seguro de saúde e ajuda na busca de patrocinadores. A RBS, ANCapital e revista Trek divulgarão a viagem. O apoio das famílias também é muito importante na indicação de pessoas para pedir pa-

Como nenhum dos três nunca teve experiência anterior com bicicletas, a preparação física tornou-se fundamental. Para poderem pedalar em torno de 50 km por dia, gastam, diariamente, três horas em exercícios de musculação, bicicleta e corrida, além de nos finais de semana realizarem pequenas viagens pedalando. Os três estudantes já possuíam contato com outros esportes anteriormente. Orlando pratica montanhismo há quatro anos, Jorge praticou atletismo por dois e Emerson, que já cursou Educação Física, pratica montanhismo, surf e corrida há um ano e

Só o ESSENCIAL - A bagagem é um fator importante na viagem, já que as bicicletas não podem estar pesadas nas montanhas por onde irão passar. "Roupa só o essencial", afirma Emerson. Cada um levará duas roupas de lycra, cinco camisetas, dois moletons, três bermudas e uma jaqueta isotérmica, que é filizada (em forma de po). "Ha leve e mantem a temperatura do corpo. Além disso, também levarão sacos de dormir, isolantes (colchonetes), lanternas, fogareiro (o mesmo usado no montanhismo) e barraca para ciclistas.

Para registrar os melhores momentos da aventura, agendas e uma câmera fotográfica. "Ainda estamos tentando conseguir mais uma câmera fotográfica e cionamento físico. A Bike Tech uma filmadora", diz Orlando.

No final de cada dia da viagem, cada um escreverá o que observou. Logo que retornarem, as anotações pessoais serão reunidas em um diário que será publicado, e as fotos, expostas no Hall da Reitoria.

Os estudantes pretendem passar o Natal em Porto Alegre, e a virada do ano em Punta del Leste, Uruguai. Eles consideram importante o fato de ficarem longe das famílias. "É numa como essa que a gente começa a dar valor ao lugar onde moramos", afirma Emerson. Para Jorge, "uma viagenzinha dessa de dois meses por ano seria bom pra todo mundo fazer, porque iria melhorar em muito os relacionamentos familiares".

Apesar de nem terem saído de Florianópolis, os três já estão imaginando novas loucuras, mas preferem manter o suspense. "O que eu posso dizer é que será grande, para mais de oito meses", planeja Emerson, idealiza-

na. Jorge diz que em cada cidade por onde passar entrará em uma igreja e agradecerá a viagem. Emerson promete, assim que retornar à ilha, subir e descer as escadarias da Catedral Metropolitana de joelhos. Orlando, menos religioso, diz que quando chegar à Ushuaia mergulhará "peladão" no rio. Resta saber se essas promessas realmente serão cumpridas.

dor da viagem à Patagônia. Mas, por enquanto, só restam promessas para chegar à Argenti-

O trajeto Brasil Argentina Ufuguai Ishuaia



ZERO

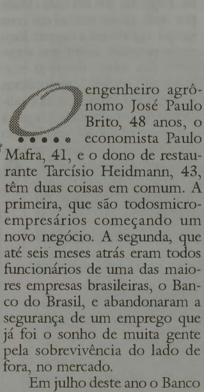
DEZ

95



Demissão mudando calhar

Ex-empregados do Banco do Brasil participaram do programa de demissão voluntária, esquecendo a vida de funcionários públicos e disputando o mercado como micro-empresários



Em julho deste ano o Banco do Brasil passou pelo maior programa de redução de quadros em uma empresa estatal brasileira. Em todo o Brasil, mais de 13 mil funcionários deixaram o empreprograma de demissões voluntárias. O número de adesões superou a expectativa em alguns estados. No Paraná, por exemplo, a quantidade de empregados do banco que pediu demissões excedeu em 20% a meta prevista. Santa Catarina também ficou acima da média, com 704 demis-

Conhecido pelos concorridos concursos para ingresso na go que deseja e o programa se atuais riscais em Bacervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina



Heidmann deixou o emprego de meio período

empresa, o Banco do Brasil tem corpo funcional qualificado e a maioria dos demitidos tem partido para um negócio próprio. Basta ver os números do programa de orientação profissional promovido pela empresa para os ex-funcionários.

Apenas quatro pessoas no estado enviaram o currículo para o programa em busca de um novo emprego. Os nove seminários promovidos em nove cidades para orientar a montagem de um novo negócio tiveram a participação de 106 ex-empregados.

O Banco do Brasil montou dois programas de orientação de carreira para os funcionários que aderiram ao programa de demissões voluntárias. Um deles, o Banco de Oportunidades (BOP). Os ex-empregados podem enviar o currículo e informações sobre o tipo de empreencarrega de contactar as empresas que possam se interessar pelo candidato. O outro programa consiste em seminários e convênio com o Sebrae, para orientação na busca de um negócio próprio.

GANHANDO MAIS - Muitos funcionários do Banco do Brasil já mantém negócios paralelos ao emprego, motivados pelos arrocho nos salários do Banco. O economista Paulo Mafra, um exemplo. Empregado do Banco do Brasil há 20 anos, Mafra deixou em 1975 um emprego de fiscal de tributos da Prefeitura de Blumenau, onde recebia cerca de US\$ 1,5 mil por mês, por um salário melhor na empresa. No início deste ano, mesmo com as promoções por tempo de serviço no banco, Mafra afirma que o salário ficou menor que o dos

vos micro-empresários saídos do Banco do Brasil. A menos de cinco anos da aposentadoria, Mafra se associou ao colega Antônio João Biz, 43, formado em administração, para montar um escritório de consultoria para pequenas e médias empresas. O escritório funcionou inicialmente na casa de Paulo Mafra, e a idéia era tocar o negócio para valer depois da aposentadoria.

O programa de demissões voluntárias do Banco do Brasil acelerou os planos de Mafra e Biz. Os dois alugaram uma sala no centro de Florianópolis e agora vivem do novo negócio. Segundo Mafra, o antigo emprego rendia, brutos, R\$ 13,00 por hora de trabalho. Na nova atividade, os dois sócios cobram entre 40 e 60 reais por hora e continuam sem trabalhar nos finais de semana. "Temos bastante serviço aqui e estamos muito satisfeitos com o novo negócio. Fazemos exatamente o mesmo que antes, só que com liber-



ZERO

DEZ 95



José Paulo Brito (à direita) usa a experiência de agrônomo na empresa para montar seu negócio. Paulo Mafra (abaixo) agora é consultor, ganhando pelo menos três ou quatro vezes mais





dade de programar os próprios tratar profissionais especializahorários e ganhando mais dinheiro, afirma Paulo Mafra.

Outro exemplo de ex-funcionário do Banco do Brasil caminhando com as próprias pernas, é o do engenheiro agrônomo José Paulo de Brito, 48 anos de idade, 22 de empresa. Brito saiu do banco duas vezes. Ingressou na empresa em 1971, no Paraná. Em 1974 concluiu o curso de Agronômia e no ano seguinte deixou a empresa para se dedicar à profissão. Mais tarde o Banco do Brasil criou a carreira técnico-científica e passou a con-

dos, como médicos, arquitetos, engenheiros e agrônomos. Em 1978 Brito foi convidado a vol-CONSULTOR AGRÔNOMO - tar ao banco, agora como engenheiro agrônomo, e aceitou. Trabalhou um tempo em Brasília e em 1979 foi transferido para a recém criada Superintendência de Santa Catarina, em Florianó-

Determinado, o baiano José Paulo Brito nunca abandonou o sonho de exercer a profissão em que se formou. No tempo em que esteve fora do banco, trabalhou para uma empresa de planejamento do Banco Nacional, lonização e Reforma Agrária (Incra) e para uma prestadora de assistência técnica em Santa Catarina. Com o programa de demissões voluntárias do BB, Brito resolveu aproveitar a experiência dentro e fora da empresa para montar um escritório de consultoria, onde elabora e assessora projetos de produção agrícola, extrativista e pecuária. "Esse não é um negócio de retorno imediato, por enquanto estou só investindo, principalmente em contatos e conhecimento, porque não foi necessário mais do que R\$ 5 mil para montar o escritório. Mas estou confiante de que o negócio vai dar certo", disse o engenheiro agrônomo.

Brito acredita que o futuro da maioria das profissões, principalmente as universitárias, é a autonomia, e não mais o emprego. "Felizmente as universidades estão começando a mudar e a preparar as pessoas para serem empreendedores, pessoas que geram empregos, em vez de consumir mais vagas de trabalho. As grandes empresas estão se transformando e empregando cada vez menos profissionais. A tendência é terceirizar qua-

se tudo e isso abre espaço para os pequenos empresários", ana-

Brito alerta no entanto que a busca de um negócio próprio sambaqui", planeja Heidmann, não é a saída para qualquer empregado. "Antes de tudo é preciso ter uma formação, e saber de forma muito clara onde se quer chegar, para não se perder no caminho. Quando você está acostumado a ter o seu salário garantido no final do mês, a mudança para um negócio próprio, onde essa garantia não existe, tem um impacto psicológico muito forte e é preciso ter um objetivo claro em mente para não desanimar.

nem todos os ex-empregados optaram por negócios na própria área de formação. Tarcísio Heidmann, 43 anos, 18 de Banco do Brasil, ajuda a esposa Maria de Fátima Souza Bayer a montar uma casa de massas, em Florianópolis, e inaugura em dezembro com outros dois sócios um restaurante em Sambaqui, no interior da ilha. A La Pignata, casa de massas no bairro Estreito, é uma sociedade entre Maria de Fátima Bayer, Juçania de Campos Faccin, esposa de um funcionário do banco, e Flávio da Silva Azevedo, outro ex-empregado da empresa. A casa, chamada pelos donos de "império de massas", é uma fabriqueta de comida congelada, que vende diretamente ao consumidor e vai começar a distribuir o produto em alguns pontos de venda. A pequena empresa serve ainda jantares e almoços, somente para grupos e com hora marcada.

Tarcísio Heidmann já tinha alguma experiência com a cozinha. Ainda quando era funcionário do banco, mantinha um pequeno restaurante na cidade-balneário de Itapema, a 70 km da capital, que como muitos negócios do tipo na região, abre apenas no verão. "Esse ano nós resolvemos não abrir e investir no negócio no que juntou-se a outros dois sócios - sem nenhuma relação com o banco - e está montando o Aquelárre, um restaurante em frente à praia de Sambaqui, com cardápio de frutos do mar. "A nossa pretensão é ganhar pelo menos três vezes mais do que rendia o meu salário no banco", comenta risonho o ex-empregado, que nem se importa em trabalhar de dez a doze horas por dia no negópara o Instituto NacAcervo. Biblioteca Publica de Santa Catarinassas da esposa.

ZERO DEZ 95

ZERO

DEZ

95

A polêmica reacesa

Legalização das drogas deixa de ser tabu e passa a ser debatida por toda a sociedade

erônimo (nome fictício) tinha 13 anos e morava na Vila Militar de João Pessoa (PB). Atrás do quartel, havia um terreno onde ele e alguns amigos iam vez ou outra roubar abacaxis. Certo dia, o proprietário do terreno saiu correndo atrás deles com um pedaço de pau. Pensando que o homem estava com uma espingarda na mão, os garotos se atiraram no chão e ficaram imóveis, para não serem alvejados.

- Agora vocês vão receber a maior lição da vida de vocês, ameaçou o homem. Mas não usou o pedaço de madeira para forçar ninguém a ir para sua casa,

afirma Gerônimo.

Atrás da casa, o homem tinha outra plantação. Dela vinham as folhas secas que enrolou em um pedaço de papel de pão, quase do tamanho de uma vela. Acendeu e convidou os rapazes a fumarem. Gerônimo garante que só descobriu que havia fumado maconha quando o homem falou. Lembra que sentiuse como se tivesse feito alguma coisa errada. Achava que se seus pais soubessem, eles iriam matálo. Mas ele realmente havia gostado de fumar.

A partir deste dia, os seis amigos passaram a frequentar a "plantação de abacaxis" habitualmente. Fizeram amizade com o homem que os havia ameaçado. Iam lá bater papo, comer abacaxi fresquinho e fumar maconha.

Estórias como essa não são as mais comuns quando o assunto é drogas. Geralmente contamse casos de violência ou estórias recheadas de problemas, principalmente psicológicos. Neste esteriótipo, mistiram-se todas as drogas ilegais. Quando alguém diz hoje que determinada pessoa está "emaconhada" ou "drogada", geralmente não faz a menor idéia de que droga essa pessoa usou, e quais os efeitos advindos

Mas no penúltimo dia do ano passado, pouco antes de tomar posse junto ao governo Fernando Henrique Cardoso, o atual ministro da Justiça Nelson Jobim tirou o assunto de debaixo do tapete, e algumas pessoas começaram a se questionar sobre os problemas atribuidos às drogas, e mais especificamente sobre a possibilidade do uso de drogas leves como a maconha vir a ser liberado.

Esta é uma antiga bandeira

(PV), o primeiro a ter em seu programa partidário um ponto que trata sobre a não penalização dos usuários de cannabis. "Isso fere um princípio de liberdade individual", garante o presidente do PV em Santa Catarina, Rogério Portanova. Nos últimos 20 anos o PV viu as drogas serem elevadas à categoria de 'terceira ou quarta economia mundial", uma economia infor-

cannabis, e atacar os grandes cartéis que detém um poder paralelo ao oficial com dinheiro do tráfico de drogas. Portanova, que é professor do Centro de Ciências Jurídicas e coordenador do Núcleo de Estudos Alternativos, afirma que é no tráfico, e não nas drogas, que está a criminalidade. Ele lembra que a lei seca, que vigorou nos Estados Unidos na primeira metade deste século, só

Muitos usuários já cultivam a maconha em suas residências

mal dominada pelos grandes cartéis. Segundos a revista Veja, o mercado de drogas movimenta hoje cerca de 500 bilhões de dólares por ano. Com essa mudan-

> Dizer que o vício é uma doença é tirar a responsabilidade das pessoas

ça, o usuário eventual de drogas ganha um companheiro de consumo, o refém do traficante. Isso levou o partido a repensar o problema, e a concluir que o governo deveria liberar o consumo e

serviu para aumentar o poder das máfias que controlavam a distribuição de bebidas. "Com as drogas hoje o problema é o mesmo", afirma, lembrando que o fim da

lei seca foi um passo importante para combater as máfias, pois isso lhes tirou um grande poder, que advinha dos lucros do comércio ilegal.

Reflexo ou não do pronunciamento do ministro Nelson Jobim, a discussão sobre a discri-

minalização das drogas expandiu-se neste ano para muito além do PV. Portanova participou no mês passado do 1º Encontro Nordestino de Direito Alternativo, onde um dos temas discudefendida pelo Partido Verde o plantio para uso próprio da tidos foi "Os processos de discri- será elaborada a partir da análise

minação e a questão das drogas".

Após aparecer consecutivamente na imprensa nacional, o tema passou a ser discutido por muitas pessoas que a alguns anos atrás o consideravam um tabu. E uma das perguntas mais comuns, que recebeu diversas respostas diferentes, é se o consumo de maconha iria aumentar ou diminuir quando o seu uso fosse descriminalizado. Apesar de co-

> mum, esta pergunta não possui mesmo uma única resposta. Vários fatores implicam no consumo de drogas, sendo a disponibilidade das mesmas no mercado apenas um deles.

A psicóloga Marisa de S. Thiago Rosa, mestranda em Psicologia Social na PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio Grande do Sul, fez um levantamento sobre algumas variáveis apontadas por diversos autores como tendo relação com o uso de drogas. Eles citam as questões familiares, a solidão, o relacionamento do usuário dentro dos grupos que frequenta e as suas perspectivas de futuro, como elementos extremamente importantes para se entender porque determinada pessoa usa drogas.

A psicóloga afirma que o principal problema é o modo como as pessoas se relacionam com as drogas. Uma pessoa que não consegue fazer o que deseja, pode passar a não mais acre-

ditar em si mesma, a não mais valorizar-se. Se ela usar drogas para esquecer seus problemas, isso realmente poderá ocorrer por alguns minutos ou horas. Mas como a droga não irá resolver o problema, outra dose pode ser uma alternativa. E assim algumas pessoas entram em um círculo vicioso de usar drogas para esquecer os seus problemas, e arranjar mais alguns problemas - com a família, a polícia, etc por usar drogas. Isso faz a pessoa se tornar ou se sentir dependente. Marisa Rosa afirma que o trabalho psicológico deve ser feito de forma a tornar o dependente sujeito de sua própria escolha: usar a droga somente quando desejar ou não usá-la mais.

A dissertação de mestrado

Pereira

dos dados obtidos através de questionários e entrevistas com dependentes químicos (dependentes de todos os tipos de drogas) no Ambulatório da Cruz Vermelha de Porto Alegre. Neste local está implantada a Comunidade Terapêutica, um tratamento diurno, livre e em regime aberto. Ali, uma equipe composta por 2 psicólogos, 12 estagiários de psicologia e um Consultor (ex-dependente) discutem todas as manhãs, junto com os dependentes, os problemas e as vivências diárias de cada um. O resto do dia é repleto de atividades, sempre com horários rígidos. O tratamento é feito com pouco uso de medicamentos, que as vezes são receitados pelos psiquiatras do Ambulatório. O tempo de permanência médio de uma pessoa na Comunidade é de três a sete meses.

Na UFSC também existem alguns grupos que trabalham com dependentes de drogas, como o Grupo Alternativo do Centro de Ciências da Saúde. De forma semelhante à Cruz Vermelha e a várias outras instituições de atendimento a dependentes de drogas, é praticamente nulo o número de viciados apenas em maconha. Os casos mais comuns estão relacionados ao uso de alcool e cocaina. A maconita quando aparece vem em conjunto com alguma dessas outras dro-

Para o professor Wilson Kraemer de Paula, doutor em Enfermagem Psiquiátrica e que trabalha há quase 5 anos com o Grupo Alternativo, isto não significa que a maconha deva ser legalizada. Ele afirma que já existem muitas drogas legalizadas e que as pessoas não se preocupam muito quanto ao uso indevido delas. Ele acredita que a legalização iria aumentar o uso das drogas, tanto pelos dependentes atuais como por novos usuários, que seriam "induzidos" a experimentar. Embora seja contrário à legalização, Kraemer é favorável à descriminalização de usuários e dependentes. Os próprios membros do Grupo, ex-dependentes afirmam que são contra a legalização das drogas, inclusive da maconha, pois dizem que iriam sentir-se tentados à voltar ao vício se vissem alguém usando as drogas que ele usava.

Mas a psicóloga Marisa Rosa questiona a noção de dependência. "O vício é uma relação que a pessoa estabelece com a droga: uma relação de dependência", afirma, lembrando que a pessoa pode ter diversos outros tipos de relação com a droga relação de repulsão, de uso eventual, etc. Ela ressalta que nem mesmo uma necessidade física obriga a pessoa a usar uma droga. È sempre necessária a existência de uma necessidade psicológica, ou seja, a pessoa precisa querer ou aceitar. Para ela, dizer que o vício é uma doença tira completamente a

ponsabilidade das pessoas. "Não se leva mais em conta o que a pessoa quer, ou o que está afetando a sua vida". Para ela, os remédios servem apenas para dar uma "segurada inicial", mas o tratamento deve ser sempre terapêutico, para não estar simplesmente substituindo uma droga

Fumar maconha é crime -

Apesar de todas as especulações levantadas com os pronunciamentos do ministro da Justiça, é provável que o uso da maconha não venha a ser legalizado dentro de pouco tempo. Esta é a opinião de grande parte das pessoas entrevistadas, mesmo as que são favoráveis à legalização. Isso se deve às pesquisas realizadas este ano pelo DataFolha, Ibope, Instituto Vox Populi e Agência Americana de Informação, que indicam que a maior parte dos parlamentares e da população ainda é contra a descriminalização do uso da cannabis. Segundo a AAI, 90% dos brasileiro é contra a legalização das drogas. Na pesquisa do Datafolha e Vox Populi este número cai para 80% e 78%, respecti-

vamente. Mas o número mais surpreendente talvez seja o de que, mesmo entre aqueles que são contrários à legalização das drogas, 80%, segundo a revista Veja, acham que a política atual de repressão ao uso não está funcionando.

Existem então dois caminhos comumente apontados. Ou se aumenta a repressão, fazendo leis mais severas em relação ao tráfico e ao uso, ou se descriminaliza o usário.

O Promotor da 1ª Vara Criminal de Florianópolis, Gilberto Callado de Oliveira é contra a descriminalização das drogas. Para ele, descriminalizar é legalizar o vício. "A droga é má", afirma, dizendo que a lei deve ser preventiva e repressiva. Ele considera que a origem do problema do uso de drogas está na imoralidade de uma sociedade degenerada, e que a legalização somente irá aumentar o nível de perversão. Para o promotor, a solução para o problema das drogas seria uma política moralizadora da sociedade.

Já para o professor José Baus, do Departamento de Psicologia da UFSC, e que também trabalha há anos com dependentes de drogas, o enfoque do problema deveria mudar de penal para de educação e saúde. Ele sustenta que ao invés de repressão ao uso, deveriam haver programas de reeducação para os usuários. Mesmo assim, ele aponta que os aspectos problemáticos das drogas, como a vulnerabilidade da criança e do adolescente à elas, devem ser sempre levados em conta.

Dentro do Campus Universitário da UFSC, a política adotada pela Segurança do Campus é de afastar os usuários, aconselhando-os a não consumirem drogas dentro do campus. O



Portanova: liberdade individual

Coordenador de Segurança Física e Patrimonial da Polícia do Campus, Sálvio José Vieira, afirma que hoje a maior incidência é de desavisados calouros. Ele diz que muitas vezes só conversa com o usuário, podendo também conduzí-lo até a central da Segurança, onde é preenchido um Boletim de Ocorrência. Caso o usuário nunca tenha sido apa-

nhado fumando anteriormente, o caso é encaminhado à Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade (PRAC), que decide o que fazer. Geralmente o assunto é encaminhado à Coordenadoria do Curso do aluno, que pode chamar os pais deste para uma conversa. Caso a pessoa surpreendida fumando maconha não seja aluno da UFSC, ele é encaminhado à 5ª DP. Sálvio Vieira

> afirma que o número de ocorrências tem diminuido a cada ano, sendo que no ano passado foram registrados apenas 20 casos de uso de entorpecentes (maconha cola).

> Bandini (nome fictício) já foi surpreendido fumando maconha no Campus Universitário. Ele afirma que apesar do susto, o Segurança apenas conversou cordialmente e avisou que da próxima vez 'leva preso".

> Hoje, aqui em Florianópolis, a maconha é melhor aceita pelas pessoas.

São raras as prisões de usuários. Muitos fumam em suas próprias residências ou nas praias. Muitos pais, como os de Bandini e Gerônimo, já aceitam o fato dos filhos fumarem, apesar de vários não concordarem com a escolha de seus filhos. É o princípio de liberdade individual pleiteado pelo PV sendo respeitado por muitas famílias.



ZERO

DEZ

95

Congresso vota nova lei até 96

a Comissão Especial de Política Nacional de Drogas da Câmara dos Deputados aprovou por unanimidade um substitutivo de a pena de prisão para o do Congresso.

De acordo com o subs-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

No dia 6 de dezembro drogas o policial anotará seu número da carteira de identidade e endereço, liberando-o após apreender a droga, que continua ilegal. O processo judicial projeto de lei que elimina que se segue poderá condenar o usuário a pagar usuário de drogas. O pro- uma multa ou a prestar serjeto ainda precisa ir à vo- viços à comunidade. A tação tanto na Câmara quantidade de droga que quanto no Senado, o que uma pessoa poderá portar deve ocorrer até o final do sem ser considerada trafiano, caso os partidos pe- cante deverá ser definida çam "urgência urgentíssi- em uma portaria do Minima" ou no início de 96, se stério da Saúde. Caso for incluido na pauta da aprovada, esta nova lei deiconvocação extraordinária xará de tratar o usuário como criminoso e passará a considerá-lo um doente. titutivo aprovado, ao fla- A ficha criminal do usuágrar um usuário portando rio permanecerá limpa.



Siivio Pereira

Alecsandro Vanin



Hoje, o comércio

informal aqui em

Florianópolis é abastec-

ido com matéria prima

procedente do Mato

Grosso ou do Para-

guay. O delegado

kg. de maconha

mas isso é uma

plantada na região,

excessão. Geralmente

o fumo vem de avião

Quem tenta comprar

falso de uma caminhão.

diretamente de grandes

traficantes, sem nenhum

esquema de proteção,

geralmente é entregue

à polícia pela própria

pessoa que lhe vendeu

traficante da região da

UFSC, que prefere ser

"comerciante informal".

Ele diz que esta é uma

traficante se proteger,

entregando à polícia os

"peixes pequenos", de

forma semelhante aos

piranha" para o tráfico

1993 e apesar de nos

últimos anos a polícia

apreensões, não faltou

ter eletuado muitas

mais maconha em

Horianópolis.

maior. Para ele, isso

explicaria porque,

desde a seca de

carregamentos em

caminhões, que

seriam "bois de

maneira do próprio

a droga, afirma um

tratado como um

ou de sob o fundo

Acioni lembra que já

chegaram a ser apreen-

didos em Palhoça 700

Maconha, saúde e crimmalidade

Dados científicos, folclore e mitos misturam-se com questões morais na discussão sobre a cannabis sativa

os últimos 30 anos, organizações que reivindicam a libera ção do consumo da maconha tem apontado diversos aspectos positivos de seu uso, bem como pessoas que são contrárias à legalização também apontam aspectos negativos. Apesar disso, hoje as palavras usadas para descrever a maconha, frisam quase somente seus aspectos negativos. Popularmente, ela é tratada como uma droga, o que pode significar desde "substância ou ingrediente que se usa em farmácia, tinturaria, etc" até "medicamente ou substância entorpecente, alucinógena, excitante, etc, ingeridos em geral com o fito de alterar transitoriamente a personalidade". Criminalmente ela é classificada como entorpecente, que é uma "substância tóxica que produz estado agradável de embriagues, a que o organismo se habitua, vindo a tolerar doses grandes, mas que provocam a necessidade de seu uso, o qual acarreta progressivas perturbações físicas e morais". Outra palavra usada para descrever a maconha é tóxico, que é uma substância "que tem a propriedade de envenenar".

Dois assuntos bastante polêmicos quando se fala sobre maconha, são se o seu uso pode levar o usuário à prática de crimes ou à dependência. Para o Delegado Acioni Souza Filho existe uma ligação total entre a criminalidade e as drogas. Ele cita o caso dos assaltos a bancos, cujo dinheiro pode ser usado muitas vezes para a compra de drogas. Já para o presidente do PV em Santa Catarina, Rogério Portanova, falar que drogas e criminalidade estão associadas é não ver que o problema da violência é um problema cultural de nossa sociedade, que quer sempre estar "aditivada", produzindo e ga-



Para Acioni droga e crime andam juntos

nhando mais dinheiro. Os próprios assaltos estão dentro desta lógica. "Os índios sempre consumiram drogas em suas pajelanças e isso nunca causou desagregação social", diz.

Em 1932, cinco anos antes da maconha vir a ser proibida nos Estados Unidos, a Academia de Medicina de Nova York relatava que seu uso não causava dependência física e não levava a crimes violentos. Muitos anos após sua proibição, em 1962, uma conferência sobre drogas na Casa Branca concluiu que os danos provocados por seu uso estavam sendo "exagerados", o que levou

uma comissão presidencial a sugerir em 1972 sua descriminalização nos EUA, que não ocorreu até hoje. Um compêndio de farmacologia americano, O Merk Manual, afirma que "há pouca evidência de danos biológicos mesmo entre os usuários pesados". Até hoje não conhecemos

> casos registrados de morte por overdose de maconha. Segundo dados publicados na revista Veja, para morrer de overdose, uma pessoa necessitaria fumar 50 quilos da erva por minuto, durante 15 minutos.

Outro assunto bastante polêmico é se o uso de maconha pode induzir o usuário às

drogas pesadas, como a cocaina e o crack. Quando a polícia intensificou as apreensões de maconha no país, diz Gerônimo, muitas pessoas passaram a consumir cocaina simplesmente porque ela é muito mais fácil de encontrar, seja em São Paulo, nos morros cariocas ou aqui em Florianópolis. É claro que somente isso não basta, é preciso haver

procura por parte do usuário. Mas esta procura pode ser estimulada na relação com o traficante, "que te oferece a branca no lugar da maconha", afirma. De acordo com Ro-

gério Portanova, nos últimos 10 anos o consumo da cocaina aumentou e o de maconha diminuiu. Para ele isso também indicaria que as pessoas estão mais interessadas em consumir uma droga estimulante (caso da cocaina) para poderem produzir mais, trabalhar mais.

Um caso que contraria a afirmação popular de que a maconha é o caminho para as drogas pesadas é o do deputado estadual paraibano Aristóteles Agra (PV).

Tota, como é chamado fora do parlamento, afirma que se curou do vício de drogas pesadas como morfina e heroina com o auxílio da maconha. Ele conta que era atleta durante o serviço militar, e que passou a tomar diariamente glucoenergan, uma vitamina que aumenta a resistência física. Nos anos 70 chegou a tomar 30 injeções por dia. Nesta época sua pele estava toda marcada pelas picadas de agulhas. "Aí um amigo homeopata indicou um tratamento à base de maconha. Foi a salvação", afirma, garantindo que após quatro anos de uso de cannabis conseguiu largar definitivamente as drogas pesadas. Isso o fez tornar-se provavelmente o maior defensor da descriminalização da maconha na Paraíba. Mas a Psicóloga Marisa Rosa lembra que a simples substituição de uma droga por outra não necessariamente resolve o vício. "O que precisa ser resolvido é a relação da pessoa com a droga", afirma.

Um efeito indiscutivelmente nocivo à saúde é a possibilidade do usuário vir a ter câncer, provocado pelo ato de fumar. Também a existência de fungos e o emprego sem controle de pesticidas podem vir a causar intoxicação nos usuários, que se apresenta sob a forma de uma inflamação na uretra e diminuição da coorde-

Para Portanova, a violência é que ficou associada às drogas, por elas serem ilegais, e, por isso, caras.

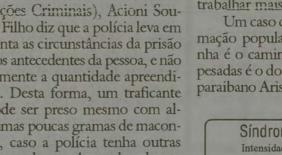
Usuário e traficante são punidos no Brasil

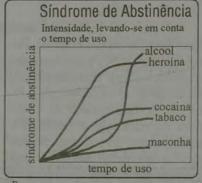
lei 6.368, de 1976, es tamento Estadual de Investitabelece em seu artigo 16° uma pena de 6 medroga ilícita). Se for primário (nunca tiver sido fichado na polícia), o usuário pode ser solto mediante o pagamento de uma fiança. Já para o traficante a lei, em seu artigo 12º estabelece uma pena de três a quinze anos de rechisão, sem direito a fiança por ser considerado um crime hediondo. Para enquadrar alguém preso por porte de drogas nos artigos 12 ou 16, o delegado Anti-Tóxicos do DEIC (Depar-

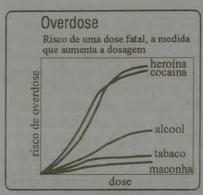
gações Criminais), Acioni Souza Filho diz que a polícia leva em ses a 2 anos de reclusão a quem conta as circunstâncias da prisão adquire, guarda, faz uso ou traz e os antecedentes da pessoa, e não consigo o entorpecente (pode ser somente a quantidade apreendia maconha ou qualquer outra da. Desta forma, um traficante pode ser preso mesmo com algumas poucas gramas de maconha, caso a polícia tenha outras provas de que ele vende a droga.

O delegado afirma também que a justiça está mais branda com os usuários, e que dificilmente alguem é condenado caso tenha emprego, residência fixa ou outras características que indiquem que ela não precisa da venda droga como meio de subnação motora e dos reflexos.

Seu efeito mais controverso é a "chapaceira", termo usado para descrever o que se passa após fumar um "baseado" ou ingerir um medicamente à base de cannabis: acessos de riso, corpo relaxado, boca seca, hipersensibilidade. Algumas pessoas não aceitam bem tratamentos à base de maconha por não tolerarem tais "efeitos colaterais". Outras pessoas buscam justamente nestes efeitos momentos de relax e descontração.







Fonte. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid) / Revista Veja

Erva foi legalizada em alguns países

Cada cultura trata de forma diferente o usuário de maconha, e os exemplos vão desde a liberdade total até a pena de morte

haxixe: tolerados ou liberados?Pela primeira vez se inicia no Brasil uma ampla discussão sobre a legalização da maconha. O país entra tarde nessa discussão e se faz imprescindível conhecermos as experiências de outros países, onde a maconha e o haxixe já estão liberados há muito tempo. É inaceitável e chega a ser ridículo que o usuário de maconha no Brasil seja tratado como criminoso, sem contar o preconceito existente na sociedade contra os

"maconheiros". O preconceito é fruto da ignorância daqueles que desconhecem os verdadeiros efeitos e as qualidades que a maconha possui. Por isso é necessário que se discuta seriamente o assunto, pois mesmo que a legislação não seja modificada, ao menos a população estará melhor informada sobre a questão.

Em vários países, apesar de não existir legislação escrita liberando a maconha, o bom senso fala mais alto e o uso, porte e tráfico em pequenas quantidades é permi-

Podemos começar citando o exemplo da Holanda, país conhecido mun-

dialmente como a meca das drogas. Lá o haxixe e a maconha são comercializados livremente nos "koffeshops" e o usuário pode degustar o seu baseado confortavelmente, assistindo à um vídeo, tomando um suco, um chá, e quando "bater a larica" basta pedir ao garçom para trazer um sanduiche. Os koffeshops estão espalhados por todo o país, não só em Amsterdam, e cada um tenta se diferenciar dos outros na decoração, na música ou nos serviços prestados, como forma de atrair clientes. Nos seus cardápios chegam a constar até dez variedades de haxixe e cinco de maconha. O consumo é permitido em lugares públicos, mas to de Felipe Gonzáles a Espanha em alguns bares os garços podem, educadamente, pedir que você apague o seu baseado. Mas os koffeshops, com exceção de um deles, o Bulldog, estão proibidos de vender bebidas alcoóli-

É também na Holanda que acontece anualmente a Cannabis Cup, um concurso patrocinado

pela revista High Times para escolher a "numero um" da temporada. A vencedora é escolhida entre diversas variedades, das mais diferentes procedências no

Durante muito tempo o governo Holandês foi pressionado pelos outros países da comunidade européia a rever suas políticas, consideradas excessivamente liberais em relação às drogas. Mas ele conseguir provar que a descriminação só traz benefícios, o uso das drogas não aumenta e fica mais fácil contro-



Morador de Yannan, China, fumando maconha na rua

lar usuários e traficantes. Hoje, a tendência na Europa é de que as legislações sejam revistas e que o uso da maconha seja liberado.

Há cerca de oito anos a Itália discutia uma nova legislação sobre o uso de drogas. Foi aprovado um projeto que punia igualmente usuários de maconha e heroina, bem como igualava o porte ao tráfico. Esta legislação foi aprovada graças à pressões exercidas pela poderosa máfia italiana, pois a droga quando proibida é muito mais lucrativa para o crime organizado. Esta lei não funcionou e a Itália já discute outra, mais liberalizante.

Durante o primeiro mandatambém liberou o uso do haxixe, e se podia fumar em certos bares e nas ruas. Pouco tempo depois a legislação foi revista e tornada mais rígida, embora o uso do haxixe ainda seja tolerado.

Em algumas cidades do sudoeste da China, pés de canna-

proibida. Seu consumo é feito com a maior naturalidade, nas ruas e jardins. Os chineses usam as fibras da maconha para fabricar tecidos, fazem temperos com as sementes e chás com as folhas. No distrito de Bama Yao, província de Guangxi, os habitantes atribuem ao uso da cannabis a longevidade de seus habitantes, muitos dos quais já ultrapassaram os 100 anos.

Na Colômbia, um caso inédito e isolado na América do Sul, o porte de cocaina, maconha e haxixe para uso pessoal foi descriminado.

Por outro lado, existem países que punem os usuários com penas que vão desde multas, como é o caso de diversos estados Norte-Americanos, com prisão como no Brasil, ou até com prisão perpétua ou pena de morte, como na Indonésia, Filipinas, Cingapura e Turquia. Não há registro de países que tenham descriminalizado o tráfico.

Seca e verão da lata já iraram folclore na ilha

A banda rap Planet Hemp

os últimos anos, ocorreram em Florianóduas fases bastante distintas e famosas no a que diz respeito ao abastecimen-

O verão da lata começou a partir de setembro de 1987 quando, pouco antes de serem abordados pela Polícia Federal e pela Marinha do Brasil, a tripulação do navio de bandeira panamenha Solano Star atirou ao mar, bem em frente ao litoral do

estado do Rio de Janeiro, 22 mil latas de maconha. Estas latas também chegaram litoral catarinense, o que inclui a ilha de Santa Catarina, embora em muito menor escala. Cada lata continha 1,5 kg de maconha de excelente qualidade. Hoje, a gíria "da lata",

significa alguém ou alguma coisa muito boa.

O verão da lata foi relembrado pela banda carioca Planet Hemp ao lançar seu primeiro CD. Para a imprensa, a bolacha digital veio dentro de uma "latinha classe A, própria para guardar fumo", de acordo com Ricardo Cruz, da revista Trip. Para o vocalista Marcelo, a lata era bem menor que a do Solano Star, mas mesmo assim "dava uma 100 gramas de fumo solto ou até 300 de fumo prensado".

A seca foi um período durante o inverno de 1993 em que era praticamente impossível obter maconha em Florianópolis. "Só brizola, farinha, branca, brilho", já avisavam os traficantes na entrada das bocas. Segundo o fanzine Futio o pior período esteve no mês de julho. As explicações apresentadas foram as mais diversas, desde a influência da greve da Polícia Federal até a entressafra, mas a hipótese mais provável e mais aceita foi de que, com o aumento do combate ao tráfico internacional, aumentou a quantidade de cocaina "despe-

jada" no Brasil. Isso baixou o custo da coca e fez com que muitos traficantes optassem pela branquinha, que é mais fácil de transportar, mais segura e de lucro

As apreensões cada vez maiores nos últimos anos indicam que, além de estar consumindo mais, o Brasil também é

hoje o maior corredor do tráfico internacional de cocaina e provavelmente a sede, em um futuro não muito distante, dos cartéis de produção e distribuição da droga. "As cinco últimas apreensões de cocaína feitas pela Polícia Federal foram de várias toneladas. Para operar com essas quantidades, o narcotráfico necessita já ter instalado no país uma grande organização empresarial, articulada internacionalmente, para poder garantir o transporte, a segurança e a lavagem do dinheiro", afirma o agente especial da PF, Francisco Garisto.

Um dos aspectos que mais incentiva o cultivo da maconha, mesmo ilegal, nos estados do nordeste é o seu preço de revenda. Atualmente, um quilo de cannabis vale cerca de R\$ 40,00 em Cabrobó (PE) ou até R\$ 90,00 em Arame (MA). O consumidor, aqui em Florianópolis, paga em torno de R\$ 100,00 por 100 gramas de maconha. Em Itajaí, 1 quilo está na faixa de R\$ 400,00 a R\$ 500,00.



Cláudio Narciso

Sílvio Pereira



ZERO

DEZ

95

Planta é alternativa econômica

Em diversos países já existem produtos feitos a partir da cannabis

maconha não serve apenas para fumar. Diversos outros produtos podem dela derivar, como as cordas das naus que Cabral usou para chegar ao Brasil, feitas de cânhamo, que é a árvore de onde vêm as folhas de maconha. Seu uso medicinal também já é conhecido há muitos séculos. Um texto chinês de aproximadamente 6 mil anos já sugeria o uso da planta para problemas de asma, cólicas mestruais e inflamações da pele.

Na segunda metade do século passado, segundo levantamento feito para o livro O Xangô de Baker Street, de Jô Soares, a maconha era vendida em farmácias brasileiras como remédio para asma, insônia e roncos. Também nos Estados Unidos era comum encontrar chás e outros preparados da erva (nunca cigarros) nas prateleiras das drogarias. Grandes empresas de medicamentos, como a Parke Davis, a Elli Lilly e a Squibb produziram estes remédios até 1937, quan-

do a maconha foi proibida lá. A partir da década de 70 os médicos começaram a reconhecer mais abertamente alguns aspectos terapeuticos da canabis. Descobriu-se que o THC (delta-9-tetraidrocanabinol, o princípio ativo da maconha) ajuda pacientes com câncer a superarem as crises de vômitos e náuseas provocadas pela quimioterapia. O mesmo THC que também estimula o apetite de pacientes de Aids, permite melhorar o controle dos movimentos de pessoas com esclerose múltipla e controlar a pressão da vista de pessoas com glaucoma. No início dos anos 90 foi descoberta uma outra substância da canabis que é mais eficiente que a morfina no combate

Remédios à base de THC sintético passaram a ser produzidos, tanto sob a forma de cápsulas, usadas principalmente por doentes de Cancêr e de Aids, como supositórios, que tem uma ação bastante rápida, e tabletes para mascar. Mesmo assim a maconha fumada também é amplamente utilizada nos casos de glaucoma e esclerose, embora a maioria dos médicos não a recomendem por se tratar de uma droga ilegal. Uma pesquisa feita em 1991 revela que 70% dos cancerologistas norte-americanos recomendariam o uso da canabis caso ela não fosse proi-

Mas se os medicamentos a base de maconha são hoje proibidos, o mesmo não se pode dizer de outros produtos. Roumida podem ser feitos do cânha-

gas fortes), da Adidas, feito com as fibras do cânhamo, e o queijo Hemp Rella, de uma empresa especializada em comida natura, a Sharon's Finest, feito com as sementes. Mas é no livro "The Emperor wear no clothes", de 1985 que o americano Jack Herer prevê uma sociedade in-

tegrada economicamente ao uso da maconha. Para ele, a indústria do cânhamo conseguiria quebrar os monopólios de óleo, restaurar a camada de ozônio e seria a solução para a dívida do terceiro mundo. Futurologia à parte, talvez o empresário Steve DeAn-

pas, cosméticos, papéis e até co- gelo, importador de roupas feitas ligada à maconha é a do cultivo, com fibras de cânhamo da Asia mo. Exemplos são o tênis para os Estados Unidos, consiga Chronic (uma gíria americana resumir bem o apelo ecológico que estranhamente significa dro- da cannabis, quando diz que contrar desde maconha plantada



O tênis Chronic, da Adidas, feito a base de cânhamo

vestir roupas 'hemp' "é como dizer que você acredita em um futuro auto-sustentável e não tóxico".

Mas ao contrário do que acontece em diversos paíse, hoje no Brasil a única indústria - se é que se pode chamá-la assim -

feito principalmente nos estados de Pernambuco, Maranhão e Bahia. Nestas regiões pode-se en-

com financiamentos governamentais para a agricultura, até maconha produzida nas terras e com tecnologia da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias) além de maconha plantada por índios dentro de reservas. Inúmeras fa-

zendas também cultivam a cannabis independentemente destes "esquemas", em larga escala e utilizando muitas vezes tecnologia de ponta, como irrigação e produção em estufas. Cabrobó, às margens do rio São Francisco em Pernambuco, é considerada a capital da maconha no Brasil.

Arte engajada ou pura diversão?

A maconha já serviu de inspiração para muitos artistas, como o poeta francês Charles Baudelaire que escreveu no final do século passado o "Poema do Haxixe", ou o músico norteamericano Don Redman, que compôs em

1932 "Chant of the Weed" (Canção da Erva). A lista é extensa, e passa obrigatoriamente pelo reaggae. Bob Marley reve a capa de sen LP "Kaya" (Maconha) censurada no Brasil durante vários

Aqui no país, somente nos últimos anos

que falam da maconha. Os livros nacionais sobre o assunto praticamente não existem. Mas no final do ano passado uma banda carioca fez. do assunto o tema principal de seu primeiro

é que tem aumentado o múniero de músicas

CD. Usuário, do grapo carioca *Planet Hemp* foi lançado logo: depois que o ministro da Justiça, Nelson Jobim, fez um prominciamento em dezembro de 1994 sobre uma possível descriminalização do usuário de drogas leves, como a maconha e o haxixe.



A banda PhunkyBuddha, de Floripa

minha boca ja ta seca festo pele de lagarto o mundo exterior sumiu do meu contato Belzebu PhunkyBuddha

"veci pode fumar baseado haseado em que vacê pade fazer quase 1940

O mal é o que sai da boca do homem Pepeu Gomes e Baby Consuelo

°café na cama eu gosto com suco de laranja mamao e um fino em cima da mesu" O Vagabundo Dazaranha

"eu gosto e de fumar da croa porque a terra me dá não vejr nada de errado por querer ela quemar" Belzebu PhunkyBuddha

"tabaco ou macenha pergunte ao médico qual fas mal e então pergunte ao depatado porque é não faço apologia às drogas e nem quaro tizer faça o que você quer e o que te dá 99 az er Phunky Buddha

Planet Hemp

Pereira

Planet Hemp canta a legalização

业

Banda carioca fala abertamente sobre a maconha e diz que "uma erva natural não pode te prejudicar"

o dia 14 de novembro, véspera de feriado, a banda carioca Planet Hemp tocou pela segunda vez este ano na ilha de Florianópolis. Conhecidos por cantarem em seus raps a legalização da maconha, mas também a violência policial e os problemas sociais dos morros do Rio de Janeiro, Marcelo (vocais), Bernardo (vocais), Bacalhau (bateria), Rafael (guitarra), Formigão (baixo) e Zé Gonzales (DJ), entraram no palco da APAE por volta de 1:30 da madrugada do dia 15, e tocaram para um público de aproximadamente 1200 pessoas.

Era a sexta noite consecutiva que a banda tocava, sempre viajando de dia em um ônibus alugado. Antes de vir para Santa Catarina, a "esquadrilha da fumaça" rodou por São Paulo, onde fez shows e gravou o Estúdio Transamérica. Mas Marcelo - também chamado de D2, gíria que no Rio serve para pedir ao companheiro ao lado que passe o baseado - diz que gosta de viajar. "É bom conhecer os lugares. Cansativo mas maneiro. Fumar viajando é bom prá relaxar", explica.

O show transcorreu sem nenhum problema. Várias pessoas fumavam, mas ninguém ofereceu um baseado para D2. "O pessoal que contrata o show geralmente pede 'pelo amor de deus' prá gente não acender um no palco,

porque pode dar rolo com a polícia", diz o vocalista, que afirser esta prática tradicional nos shows pelo Rio de Janeiro. Mas completa, avisando que "se al-

guém oferecer, você não vai negar, né!".

Apesar da tranquilidade de Marcelo, o Planet Hemp já teve problemas devido às ideias veiculadas em suas músicas. Em Goiania, uma ordem judicial mandou apreender camisetas e CD's do

grupo que estivessem a venda na cidade. Além disso, caso a banda fosse à capital de Goiás, seus integrantes seria presos. Foi necessária a intervenção do deputado federal Fernando Gabeira (PV-RJ), para provar a inconstitucionalidade de



"Em qual praia é limpo fumar aqui?" pergunta D2

tal ordem da justiça. Depois desse episódio, a banda já tocou uma vez em Goiânia, "mas tava um clima meio pesado", admite Marcelo. Os integrantes da banda andaram o tempo todo com guarda-costas, e dizem que os seguranças contratados para o show espantaram as poucas pessoas que haviam ido até lá.

Em Belo Horizonte, uma casa de shows não aceitou o Planet Hemp por considerar "ruim" o público que a banda poderia atrair. "Mas em geral as pessoas acham legal, dão uma força", explica Ronaldo Lobato, o empresário da banda. A Lorenzeti Produções, que organizou os dois shows do Planet Hemp em Florianópolis este ano, garante que o público é dirigido e fiel, e que houve retorno financeiro. Isso mostra que muita gente está interessada no som e nas idéias da banda.

Embora muitas vezes fique difícil escutar e entender as letras do Planet Hemp, um rap cantado rápido, elas são o principal veículo de suas idéias. A maconha é o tema principal, abordado em mais da metade das músicas. Eles defendem a legalização do consumo, são contra o tráfico, apontado como o responsável pela criminalidade, e por isso recomendam: "não compre, plante". Suas letras são quase sempre longas e bastante diretas. Eles assumem abertamente que fumam maconha.

Para eles, falar sobre a erva nas letras das músicas é algo natural. Ninguém planejou um tema, garante D2, dizendo que das seis primeiras músicas compostas por eles, três já falavam sobre a maconha. Mesmo assim ele diz não querer se envolver com política. "A

banda não tem partido político" é a resposta quando se pergunta sobre uma possível ligação entre o Planet Hemp e o Partido Verde.

Mas os pontos de vista de D2 sobre a maconha geralmente fecham com a visão do PV sobre o assunto. Ele parte do princípio de que cada pessoa tem o direito de fazer o que quiser com o seu corpo. Vê o tráfico de drogas como sendo a única ligação entre a maconha e a violência. "Ninguém fica chapado e sai por aí dando tiro. Isso é usado para omitir a verdade", explica. Diz também que, da mesma forma que o alcool e o tabaco, a maconha tem seus malefícios, mas garante que tais efeitos poderiam ser bem administrados caso houvesse uma educação sobre drogas. Para ele, "o governo tem a obrigação de tomar conta do povo", ou seja, tirar o tráfico da periferia, através da legalização das drogas, para com isso eliminar boa parte do problema da violência. Marcelo considera que, uma vez descriminalizada, a maconha deveria ser plantada pelo próprio usuário ou vendida pelo governo. "Se ficar nas mãos de uma Souza Cruz, vai acabar virando moda. Eles iam fazer propagandas dizendo que é legal, que faz bem, mas na verdade os usuários tem que estar bem conscientes dos efeitos e dos problemas das drogas", adverte. O vocalista do Planet Hemp

O vocalista do Planet Hemp não se conforma com a indústria da bebida, que faz os usuários consumirem sem pensar, movidos à base de marketing. Também não se conforma com a proibição do consumo de maconha no país. Cita a Universidade Hélo Alonso, no Rio, que não quiz o show do Planet Hemp mas organiza um torneio de bebedores de cachaça.

Além da maconha, as letras também abordam problemas sociais como a miséria, a fome, a polícia, a violência e a péssima distribuição de renda no país.

Para o futuro, a banda já pensa na gravação de um segundo CD, também pela Superdemo, que é um selo da Sony Music. Talvez até "importar" o técnico de som que produziu para o Ratos do Porão. Metade da banda também estava se preparando para viajar para a Holanda, em compania do jornalista Arthur Verissimo da revista Trip, especialmente para o Cannabis Cup. É a 'delegalização' brasileira, brinca D2. O "torneio", que escolhe a "numero um" da temporada, acontece sempre no final de cada ano em Amsterdã, e recebe amostras de todo o mundo.

ZERO DEZ 95

"trabalho osto horas sete dias por semana si por fumar uma ceva eu vou entr

eo por fumar uma crva eu vou entrar em cana. Deputados chesram bebem e não vão

prá prisão. Por que é ilegal? Eles que lesam a pátria e sou eu o marginal não seja alienado

eles falam que faz mal e você aceita calado procure se informar uma erra natural não pode te

projudicar"
A culpa é de quem?
Planet Hemp

eu fumando um bascado em frente a um policial aqui tudo é tão liberal^o Manhatã Leoni / Cazuza

Leoni / Cazuza ^ando deixe que a cultura abafa a realidade

maconha não mata e 1550 é verdade el pensa que todo maconheiro não oresta

que esses safados tem que tomar tiro na testa

mas pense bem, mas pense bem no que fazer

porque esse ódio e o preconceito podem estar apontados prá vocêⁿ Dig Dig Dig (Hempa) Planet Hemp

"o alcool mata bancado pelo código penal
onde quem fuma maconha é que é o marginal
e por que não legalizar?
Estão ganhando dinheiro e vendo o povo se matar
tendo que viver escondido no submundo
tratado como pilantra, safado, vagabundo
por fumar uma erva fumada om todo o mundo
É mais que seguro.
Prodir que é um absurdo.
Ai provoca um tráfico que te mata em um segundo"
Legalize Já
Planet Hemp

Sílvio Pereira

Elaweio, ninguém viu





ZERO DEZ 95 erca de 1.000 devotos clamavam pelo seu Deus. Em uníssono invocavam pela monossílaba:

- Díu!, Díu!, Díu!, Díu!. O brado, pouco convincente, logo foi trocado pela dissíla-

- Di-ô!, Di-ô!, Di-ô!.

Aí sim, por volta da meianoite, Dio subiu ao palco do center show da New Time Danceteria, em Santo Amaro da Imperatriz. Fazendo "chifrinhos" com as mãos para cima, o público exaltava o "lúcifer ítalo-americano".

Há duas semanas, quando o show começou a ser divulgado nas rádios, ninguém acreditou. Espalhou-se um boato de que era uma armação nos mesmos moldes da farsa que foi a vinda da banda alemã Accept (muito querida pelos fas de heavy metal) numa boate do Estreito. Alguns, mesmo diante das evidências, ainda não acreditavam. "Se o Dio vier tocar na New Time, podem me convidar para um show do Papa no Baccarat que eu vou ver", brincou Ronaldo da Costa, fă de longa data do cantor.

Quem quis uma confirmação do boato e foi à coletiva, realizada no hotel Cambirela, não se arrependeu. Lá estava Ronnie James Dio, de cima de seu metro e meio de altura, dando autógrafos e respondendo com muito bom humor a todas as perguntas dos fás e jornalistas presentes. Alguns estranharam o fato de o cantor beber cerveja gelada sem se preocupar com sua garganta. "Eu canto com a minha mente. Existem vários vocalistas que sempre reclamam 'Oh, minha voz. Não posso pegar frio, beber gelado'. Eu tenho que estar bem comigo mesmo para cantar, nada mais", alfinetou.

ROSA DOS VENTOS - Na noite do show, os seguidores do Deus do Metal (como Dio era apresentado nos cartazes) se aglomeravam na porta da danceteria. Alguns vieram de fora do estado. "Quando eu soube do show, liguei para o meu primo em Florianópolis e pedi para que ele comprasse o ingresso naquela hora", disse Alessandro Malta, que veio de Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul. Antes do espetáculo, os fãs não pouparam vaias para o baile-show da banda Rosa dos Ventos e a "animação" dos comunicadores da rádio Jovem Pan.

Logo no início do espetáculo, o público entrou em transe. Era como se todos tivessem esquecido que a fama de Dio hoje, é apenas uma sombra do que foi no passado, graças à sua passagem pelo Rainbow e Black Sabbath. Mesmo assim, o baixinho deu o espetáculo que todos esperavam: um verdadeiro show de Heavy Metal, com direito a solos enormes de Tracy G. (guitarrista) e Vinnie Appice (baterista, companheiro de Dio no Black Sabbath).

LATA DE CERVEJA - Tudo corria tranquilamente até que, no final da segunda canção, uma lata de cerveja atinge Dio. O cantor deixa o palco com um sonoro bye! bye! e as luzes se apagam. Todos ficam em silêncio, mas antes que os corações dos fãs parassem de bater, Dio retorna ao palco com a lata nas mãos. Faz um sinal de reprovação à atitude do "atirador anônimo" e retoma o show como se nada tivesse acontecido.

No palco Ronnie James Dio não poupou a voz nem seu reduzido porte físico. Gritou e pulou durante uma hora e meia sem demonstrar qualquer sinal de fadiga. A banda, completada por Jerry Best (baixista) e Scott Warren (tecladista, ex-Keel, Warrant e Poison) também não deixou por menos, tocando o suficiente para segurar o show sem problemas. Com a platéia de fas a seus pés, Dio apresentou músicas de sua carreira solo como "Rainbow in the dark" e "Stand up and shout", de sua passagem pelo Rainbow, "Man on the silver mountain", e do Black Sabbath, "Mob Rules" e "Neon Knights", para o delírio dos seguidores mais fiéis.

Depois do show, ninguém ligava para o fato do público presente ser apenas um terço do esperado. Os organizadores terão que amargar um prejuízo de mais de 50 mil reais. Ronnie Dio, com o cachê no bolso, ainda aproveitou para curtir uma praia no dia seguinte. Na saída da New Time, várias pessoas gritavam para quem quisesse ouvir: "Foi o melhor show que eu vi na vida".





Sérgio Negrão



O baterista
Vinnie Appice
e o guitarrista
Tracy G.
fizeram solos
enormes. O
público entrou
em transe
logo no início
do espetáculo



"Não estamos mais

no topo"

A imprensa não se importou com a passagem do vocalista por Florianópolis

Deus veio à Florianópolis". Foi assim que os fas do já lendário ex-vocalista do Black Sabbath, Ronnie James Dio, definiram sua rápida passagem por Santa Catarina. Depois de três shows em São Paulo e um em Curitiba,

No último dia primeiro, o baixinho juntou-se aos seus músicos para uma demorada passagem no bar do hotel e, depois de muitas "ceruejas", finalmente recebeu a imprensa local para uma entrevista coletiva. Pena que da imprensa local, apenas o ZERO e um outro jornal (que publicou a entrevista como sendo exclusiva) compareceram. Os demais ignoraram a presença de um músico importante para a história do rock e para os muitos fas na cidade. Todas as estórias sobre sua arrogância, estrelismo e esquisitices foram negadas. Gentil e calmamente, ele respondeu a todas as questões sem se irritar até mesmo com alguns assuntos polêmicos qu fazem parte da sua car-

Existe algum assunto que você não queira falar? Algo sobre sua saída do Black Sabbath, ou sobre a sua banda?

Não. Por favor, perguntemme qualquer coisa.

Sobre o Black Sabbath...

Não!! Sobre este assunto eu não falo!! (risos) Desculpe, estou brincando com você. Eu saí da banda durante a tour americana. Estávamos em Los Angeles e os caras vieram me avisar que nós iríamos abrir o show de despedida do Ozzy (Osbourne, primeiro vocalista do Black Sabbath). Ninguém me perguntou se eu topava, apenas me avisaram. Eu até já sabia do show. Também estavam falando em uma possivel volta da formação original do grupo, o que foi uma grande falta de respeito comigo e com o baterista Vinnie Appice. Saí imediatamente. Achava muito errado, um absurdo, um grupo da importância do Sabbath abrir para um ex-membro. Eu tinha terminado a minha banda para para voltar ao Sabbath (Dio já tinha participado do grupo na dé-

"Hoje o mundo é ruim para os jovens. Agora eu falo sobre desemprego, violência e incompreensão"

cada de 80) e eles fizeram isto.

nizer não foi apenas uma reunião de velhos amigos?

Não. Era o primeiro de, no mínimo, uns oito discos.

Como era o trabalho de composição no Black Sabba-

No Heaven and Hell tudo foi feito por mim e por Tony Iommi (guitarrista e líder da banda). Em Mob Rules nós tra-

balhamos com Vinnie, mas ele acabou não levando os créditos. Então o álbum Dehuma- E, por fim, no Dehumanizer, to- Strange Highways seus temas dos colaboraram.

> Existe alguma diferença entre aquela época e agora com a sua banda?

> Não. Os fãs e os shows são os mesmos. O que existe é uma liberdade de criar. Posso experimentar arranjos novos, o que não acontecia com o Sabbath. Lá eu era obrigado a manter o ar sombrio do som do grupo.

Dio sente-se mais livre fora do Black Sabbath. "Lá eu era obrigado a som do grupo. Também

E verdade que o seu primeiro álbum solo, Holy Diver, seria o terceiro disco com o Black Sabbath, que você regravou com seus músicos depois que saiu do grupo?

Não. Eles não eram bons o suficiente para fazer um disco como aquele.

E sobre o projeto Hear'n'Aid (reunião dos grupos mais famosos de heavy metal, que gravaram um disco com renda destinada aos países da África em 1986) foi só aquele disco? Não existem planos para um segundo projeto? Quanto rendeu o disco?

Sim, aquele foi único. Acho que outro deve ser feito, mas por outras bandas que estão no topo hoje. Eu e todos que participaram do Hear'n'Aid já não estamos mais no topo. Isto é tarefa para os mais jovens. O lucro foi de três milhões de dólares, que eu espero, tenham sido usados pelas instituições de caridade para comprar comida para os povos africanos.

Nos primeiros discos solo, suas letras versavam sobre duendes, dragões e castelos. Em mudaram, estão bem mais "modernos".Por quê? Seria influência da atual cena do rock, com letras e sons mais agressivos?

Antes eu podia falar sobre fantasia. Hoje o mundo é ruim para os jovens. É para eles que eu faço música, então tenho que retratar o mundo deles e não ficar falando dos bons e velhos tempos. Hoje eu

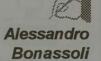
ZERO

DEZ

95



Paulo de Tarso



Ronnie James Padavona nasceu em 1949, na cidade de New

Hampshire, nos Estados Unidos. Filho de uma família ítalo-americana, aos cinco anos foi incentivado pelo pai a aprender piano. Aos oito já formava sua primeira banda com um grupo de

amigos, o "Vegas Kings".

Dezessete anos mais tarde, após concluir a faculdade de bioquímica, lançou seu primeiro disco, com a banda ELF. Foi em um show do ELF, em 1975, que Ronnie - já usando o codinome Dio (Deus em italiano) - impressionou com sua voz o guitarrista Ritchie Blackmore, na época demissionário do Deep Purple e à procura de um vocalista para seu novo supergrupo, o Rainbow. Rapidamente integrado, Dio tratou de construir sua fama de místico, falando em suas letras de demônios, bruxas, sonhos malignos e arco-íris. Talvez por isso, não pensou duas vezes antes de aceitar o convite de Tony Iommi para substituir Ozzy Osbourne no sombrio Black Sabbath.

Com o Sabbath, Dio gravou Heaven and Hell, Mob Rules e Live Evil (ao vivo). Em 1980, deixou o grupo para formar sua própria banda, chamada Dio. Segundo ele, um trabalho de grupo, e não um projeto solo. O Dio lançou seis

discos e chegou a fazer bastante sucesso nos anos 80, principalmente depois de liderar o projeto Hear'n' Aid - uma reunião de artistas de Heavy Metal em prol dos povos famintos da Africa.

Em 1992, o vocalista juntou-se aos velhos companheiros do Black Sabbath e fizeram mais um disco, o "Dehumanizer". Este disco marcaria uma nova fase de Dio junto a banda, mas a provável reunião do Sabbath com a formação original fez o cantor abandonar novamente o grupo. Então Dio remontou sua banda e lançou este ano "Strange Highways", saindo em turnê pelo mundo. O disco não foi lançado no Brasil.(A.S)

falo sobre desemprego, violência e incompreensão. Mas isto não é influência de grupos novos. Já estou velho demais para ser influenciado por alguém.

Que bandas antigas você destaca? e as novas?

Led Zepellin e Beatles são eternos. Hoje eu ouço Alice in Chains, Primus e Sepultura (risos). Apenas no Brasil!(mais risos). Não, eu realmente gosto do seu Sepultura. Gosto de todas as novas bandas que mantém o espírito do rock, que continuam tentando mesmo quando tudo dá errado.

Foi assim que você conquistou suas oportunidades?

Comecei a tocar trompete com cinco anos, a cantar aos sete e montei minha primeira banda, o Vegas Kings, aos oito. Trabalhei duro por quase 20 anos para então conseguir a primeira gravadora. Tornei-me uma estrela da noite para o dia, mas depois de muito empenho. No início dos anos 70 o Heavy Metal não era popular como festivais em quase todos os é hoje. Era muito difícil tocar e gravar. Nós enfrentamos isto Santa Catarina você vai se tudo e hoje estamos conversan- apresentar em uma cidade que do com vocês aqui no Brasil. não é conhecida pela maior O sucesso deve demorar para parte dos seus fas. Como você você aprender com ele. Tudo o encara este tipo de diferença? que vem fácil, vai embora fácil. O importante é você amar téias são horríveis. Não se vê a música, ou o que você faz, todo o público. Em lugares mecontinuar lutando e esquecer o nores é bem melhor, você tem sucesso. Ele vem sozinho, não um contato maior com os fãs. E precisa chamá-lo.

O seu sucesso explica-se desta maneira?

Sim. Mas não é o meu sucesso ou dos meus discos. Dio só existe por causa do trabalho de todos que estiveram comigo nestes anos todos. Sem meus amigos, eu não seria nada. Ninguém é uma estrela. A fama não é feita por um cara apenas, sempre tem um grupo. Hoje não é o Dio e seus músicos, mas a banda Dio. Somos uma família.

Dio, você falou em sucesso graças ao trabalho dos seus companheiros. Mas com alguns deles você se desentendeu. Como foi o problema com o ex-guitarrista Vivian Campbell?

(hesitando em responder) Vivian é um ótimo guitarrista. Mas seu ego é enorme, ele queria ser mais do que devia ser na banda. Nós tivemos problemas pessoais e ele era muito preocupado com dinheiro também.

Você já tocou em grandes países do mundo. Aqui em

É até melhor, grandes plaé deste contato que eu vivo. A maioria dos fas não acreditou que Dio se



Música na

Vitor Ramil quer cantar ao vivo

idéia dos dois era fazer uma música bra-* sileira diferente do • • • • * que se tem feito nos últimos anos, aproveitando a bagagem de gaúchos e de pessoas ligadas na música mundial. O resultado foi um disco leve e poético e, ao mesmo tempo, com uma combinação de ritmos muito forte. "Esse é o primeiro disco em que me vejo pleno e que gosto de to-das as canções", diz Vítor.

Na verdade, o novo CD vai ser lançado a nível nacional por volta de maio do ano que vem. Numa tiragem limitada, A Beça acompanha o lançamento do livro Pequod em Florianópolis, Porto Alegre e Belém.

A história do livro se passa em Satolep, que seria uma visão ficcional de pelotas (ao contrário), a cidade natal de Vítor Ramil. Basicamente, a obra é sobre a relação de um menino com seu pai, mas toda vinculada ao livro Moby Dick. Inclusive, Pequod é o nome do navio onde o capitão Ahab caça a baleia no clássico.

realmente motiva o meu traba- xista André Gomes. lho é o público".

Em 88, quando gravou o

disco "Tango", o compositor Vítor Ramil decidiu deixar o estúdio de lado por um tempo e se dedicar ao palco. No último dia 14, ele veio para Florianópolis mostra o resultado desta pausa de oito anos: o novo CD A Beça, o livro Pequod e um Vítor Ramil mais madu-

TALENTO PRECOCE- A carreira musical de Vítor começou cedo. Aos 19 anos ele gravava seu primeiro disco, "Estrela, Estrela", produzido por Egberto Gismonti e Wagner Tiso. "Eu nem sei ao certo como comecei. Meus irmãos, o Kleiton e o Kleidir, já tocavam e, quando eu me dei conta música já fazia parte da minha vida", explica.

Três anos depois, em 84, lançava A Paixão de V. Segundo Ele Próprio, seguido por Tango, de 88. Depois, decidiu dar uma pausa no seu trabalho e se dedicar ao palco. "Nunca gostei de fazer shows, mas eu só fui perceber que isto era uma carência durante as gravações de

Para evitar uma possível final de carreira, Vítor resolveu assumir o palco. Montou cinco ou seis espetáculos diferentes e foi para a estrada. A parada de oito anos foi válida: além de formar um público fiel, ga-Apesar da evidente satisfa- nhou uma boa experiência ção com os dois novos traba- como cantor e compositor. lhos, Vítor Ramil não esconde Grande parte do A Beça é deso que considera a sua maior tas músicas "já testadas". E o conquista neste período: "não resto do disco compreende um sei se eu adquiri uma certa lu- trabalho que começou em 91, cidez porque passei dos 30 quando Vítor se enfurnou em anos, mas descobri que o que um estúdio caseiro com o bai-

Ramiro Pisseti



ZERO

DEZ

95

Saindo do anonimato

Revista sobre a América Latina será a primeira publicação de Santa Catarina a ter um endereço eletrônico na Internet

stá surgindo dentro da UFSC a primeira revista na Internet • • • produzida em Santa Catarina e o primeiro endereço eletrônico sobre América Latina do Brasil: é a Latinidad On-Line. Mas o que ela oferece? Reportagens, artigos, roteiros, calendário de eventos e um Banco de Dados para a Integração Latino-americana, reunindo instituições de todo o continente que tenham informações interessantes sobre cultura, turismo e economia.

Este trabalho é projeto de conclusão de curso do aluno de jornalismo Rogério Mosimann, e consequência direta da revista impressa, pioneira em informações sobre Mercosul e cultura latina na região Sul. Latinidad "no papel" circulou quatro edições bilingues por todo o Cone Sul e também foi projeto de um aluno do jornalismo, Mariano Senna. Ambos participaram dos dois projetos, mas cada aluno defendeu um

BANCO DE DADOS - Na Internet uma revista não precisa ser intermediária entre as fontes apropriadas para cada assunto e o leitor, segundo o autor do projeto. Uma das missões de um "publisher" na Internet é procurar na rede onde estão as informações de interesse de seu público e colocá-las a disposição, através de links (elos) com outras home pages. Para isso Latinidad tem o Banco de Dados, de onde já é possível acessar 28 endereços sobre temas latinos, que variam desde a imagem de satélite da América do Sul no momento, música boliviana, artesanato chileno, investimentos na Argentina, ecossistemas brasileiros, literatura latina, os documentos do Mercosul na

Na revista Latinidad On-Line, o editor reuniu endereços da Internet para mostrar o Cone sul. Assim, o leitor pode conseguir mais informações que numa reportagem impressa

Onde o Mercosul acontece

Os moradores de Foz do Iguaça (BR),.Ciudad del Este

interdependentes, antecipando

dia, e o próprio usuário que

souber um endereço eletrôni-

co com o perfil da publicação

é outra característica da Lati-

nidad On-Line. Desde a suges-

tão de pautas até a procura por

alguma informação específica

pode ser enviada no momento

em que se está acessando a re-

vista atavés de correio eletrô-

nico. Para Rogério este é ape-

nas o começo, pois a rede pode

oferecer muito mais interativi-

dade, com grupos de discussão,

participação dos leitores nas

reportagens, artigos e roteiros.

"Todos estão convidados para

dispor na Latinidad um rotei-

ros sobre sua cidade, um arti-

go sobre um tema em evidên-

A participação do usuário

pode acresecentá-lo.

como pode ser o Mercado

REPORTAGENS Natureza preservada perto da cidade Por Rogerio Mosimann Florianopolis e dos poucos lugares onde você ainda pode se sentar no topo de um morrro, ou na beira do mar, e observar a paisagem como os primeiros habitantes. Praias desertas, mata miliva, dunas de areias rrancas. Iagoas e o barulho das ondas. Os (PAR) e Puerto Iguazu (ARG) são

íntegra e muito mais. Novos cia ou algumas informações para links são acrescentados a cada uma reportagem".

> COMO ENCONTRAR - Endereço eletrônico é o código para se localizar alguma informação no Word Wide Web, a "grande teia global" da Internet. Quem procurar por Latinidad terá que digitar: http://www.ufsc.br/latinidad/latinidad.html, ou procurar um *link* em alguma lista de revistas eletrônicas. Por enquanto só há ligação para Latinidad da UFSC - na primeira página e na UDESC. "Vamos começar a divulgar o endereço e espalhálo por várias listas depois do dia 19 de dezembro, quando apresento o trabalho para a banca do curso", conta Rogério.

> Em Florianópolis já existem pelo menos três provedores comerciais para se conec

tar à Internet, que cobram uma mensalidade média de R\$ 30,00 para cerca de 40 horas de acesso mensal. Mas a grande maioria do público da cidade e do Estado na rede se liga através da UFSC e Rede Catarinense de Ciência e Tecnologia, provedores não comerciais. O reitor recém eleito, Rodolfo Pinto da Luz prometeu senhas de acesso a todos os estudantes, o que deve popularizar ainda mais a Internet no próximo ano.

No Brasil, existem cerca de 28 provedores comerciais (Revista Internet World, out. 95), além de inúmeras instituições de ensino e pesquisa. A "cultura da Internet" está presente cada vez mais na vida do brasileiro, basta mencionar a novela da Globo Explode Coração, que além de envolver a rede em seu enredo, tem um endereço no WWW.

No mundo todo, o número de usuários está entre 45 e 50 milhões, espalhados por mais de 100 países. As estatísticas globais apontam uma expansão da rede de 300% em 1994, e a perspectiva de crescimento é de 900% este ano, ou seja, um novo computador ligado para cada quatro bebês nascidos em

ZERO DEZ 95



internet no papel

Internet Para Leigos - Guia de Referência, de John Levine. Editora Berkeley, 180 págs. (011) 832-8039.

Como funciona a Internet, de Jushua Eddings. Editora Quark, 217 págs. (011) 966-1008.

Dominando a Internet, de Harley Halw e Rick Stout. Makron Books, 638 págs, (011) 820-6622.

Internet - Tudo o que Você Precisa Para Usar os Recursos da Internet, de Michael Miller. Editora Campus. 248 págs. (011) 221-5340.

Explorando a Infovia - O Guia da Superestrada da Informação, de Pamela Kane. Editora Campus. 398 págs. (011) 221-5340.



O correio da rede permite críticas aos textos



a ferro

ZERO DEZ 95

36



A

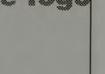
os 14 anos, quando brincava de boneca na fazenda de sua família em Poço Redondo, no Recife, Ilda Ribeiro de Souza não poderia imaginar que logo se tornaria Sila, cangaceira do grupo de Lampião. "Quando ouvia falar no cangaço, eu sentia muito medo,e apesar da vontade de conhecer,na hora não gostei muito não", diz Sila, hoje com 71 anos.

A história começou quando ela estava na rua em Poço Redondo e foi abordada por Zé Sereno, cangaceiro e companheiro de Lampião. "Ele queria me levar, e eu disse que não iria". Acabou cedendo depois de ouvir ameaças contra a sua família, que era praticamente toda a população da cidade. Sila conta que naquela noite, Zé Sereno foi até a fazenda com o bando e eles a levaram para o mato.

Enquanto conta a história do cangaço, que já virou um livro escrito por ela e agora está em vídeo, Sila não consegue esconder uma ponta de tristeza por trás do orgulho.

No começo foi muito dificil, porque eu não tinha idéia do que estava para acontecer". Sila conta que a vida no mato era fugir dos "macacos" (soldados), e por isso não podiam deixar nenhum rastro no caminho. Não havia água, e a comida era muitas vezes deixada no mato para os soldados para que o grupo ganhasse distância enquanto





ZERO DEZ

95



eles comiam. "A fome a gente aguentava, mas a sede era muito difícil. Nos locais onde a água era certa, havia sempre uma tocaia. "Tomei água de gravatá, que ficava de um ano pra outro e tinha até aranha dentro. Não matou e foi até um fortificante".

TEMPO PARA DIVER- cia judiava **SÃO** - Sila chorava o tempo todo no início, mas depois de uns dois meses estava totalmente envolvida com o marido Zé Sereno e com a causa dos cangaceiros, segundo ela, um bando de injustiçados. Ela conta que Lampião foi o primeiro cangaceiro, e que ele entrou no cangaço aos 19 anos para vingar a ta que o grumorte do pai pelos soldados. Em pouco tempo, Lampião tinha vários seguidores, que o consideravam um herói. Quanto às mortes de que foi acusado, Sila diz que Lampião era um homem justo, e só matava quando era traído ou para defender o ban-

Sila, eram como uma família que se tratava com muito respeito. As multieres não traba- diz ainda que os filmes brasileilhavam, os homens assavam a ros sobre o cangaço não têm nacarne, e vez ou outra havia um da a ver com a realidade. "Outra tempo para a diversão. Quando encontravam uma fazenda onde não tinha soldados, eles com tuo que têm, só reclamam comiam, bebiam e dançavam. Depois carregavam o que podiam e voltavam a fugir pelo cama para dormir, quando pas-

sofrimento, e para despistar os soldados, até as pedras do caminho tinham que ser postas no lugar pelo último que passasse. Com todo esse cuidado, o grupo ainda não conseguia escapar das traições, que resultavam em violentos tiroteios. "Muita bala passou do lado da minha cabeça, mas nunca pensei em morrer", conta Sila. Ainda no mato, ela ficou

ceu, teve como parteira Maria Bonita. O bebê foi doado a um coronel e acabou morrendo em

seguida. "Não podia ficar com a criança, e como a polímuito da minha família, deixei com amigos, que fize-ram de tudo para salvá-lo".

Ela conpo era muitas vezes perseguido por coisas ruins feitas pelos soldados e

atribuídas aos cangaceiros, que unham fama de bandidos e eram motivo de lendas. "Dizer que Os cangaceiros, segundo Lampião apunhalava criancinhas e Maria cortava a orelha das mulheres era fantasia do povo". Ela coisa que não entendo é ver esssas meninas hoje em dia, que e estão sempre cansadas". Sila lembra que sonhava com uma sava as noites em cima de pedras esquecer tudo, então eu, Zé e a Novamente, começava o e chic-chic. Apesar das dificul- menina fomos pra Minas Gedades, Sila diz que as mulheres cangaceiras eram muito vaidosas. Usavam vestidos bordados, lenços de seda e muitos anéis de ouro. Só não se perfumavam sempre para não deixar rastro.

Sila: choro depois do ranto

Tanto cuidado foi em vão. Por causa de uma traição, houve um grande tiroteio, em que morreram Lampião, Maria e grande parte do grupo. Sila acredita que ela, Zé Sereno e os poucos que e as vizinhas a chamavam de ban-Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

grávida, e quando o filho nas- restaram foram escolhidos por Deus.

TOCAIA - Sila ficou dois

anos no mato, até que o marido Zé Sereno conseguiu se entregar com a promessa de liberdade garantida pela anistia em 1940, mandada por Getúlio. Oficialmente casados, Sila e Zé Sereno entraram num navio com destino a Rio Novo, na Bahia. Tentaram emprego numa fazenda mas foram engana-

dos, e acabaram voltando para o mato. "Não podíamos pegar a estrada porque haviam tocaias feitas pelos jagunços da fazenda para nós." A essa altura, Sila já tinha um novo bebê, uma menina que ela teve que carregar nos braços até Vitória da Conquista. Com os braços inchados, Sila ficou na cidade apenas um dia, e depois prosseguiu com a família para Itambé. Lá trabalhou lavando roupas na beira do rio, enquanto a filha dormia em uma rede improvisada com trapos. "Queria rais". Em Minas, enfrentaram problemas com outras famílias, por causa da fama de bandidos, até que em 1946 foram para São Paulo.

Lá, Sila passou por mais uma série de dificuldades. Morava num quartinho que alagava cada vez que chovia. Os filhos da vizinhança não brincavam com os dela -Sila teve mais um menino-

quando a dona de uma loja viu o vestido que Sila estava usando e havia sido bordado por ela e convidou-a para trabalhar. Sila acha que só conseguia trabalhar porque nunca contava que havia sido cangaceira. A partir daí, comprou uma máquina de costura e trabalhava dia e noite para poder cuidar dos filhos e do marido."Nessa época aprendi que na hora do apuro a amizade é ainda mais importante que o dinheiro". Através das amizades que fez, Sila começou a trabalhar na TV Bandeirantes, como costureira e até fazendo ponta em novelas. Quando descobriram que ela era cangaceira, Sila começou a dar entrevistas. "Înfelizmente, muita gente ganhava dinheiro às minhas custas. Eu

é que não ia pedir, pois a nossa

situação era tão ruim que nem

precisava".

dida. Para piorar a situação, Zé Sereno ficou muito doente e Sila sustentava a família sozinha.

Sua sorte começou a mudar

A ex-cangaceira contou que as pedras remexidas

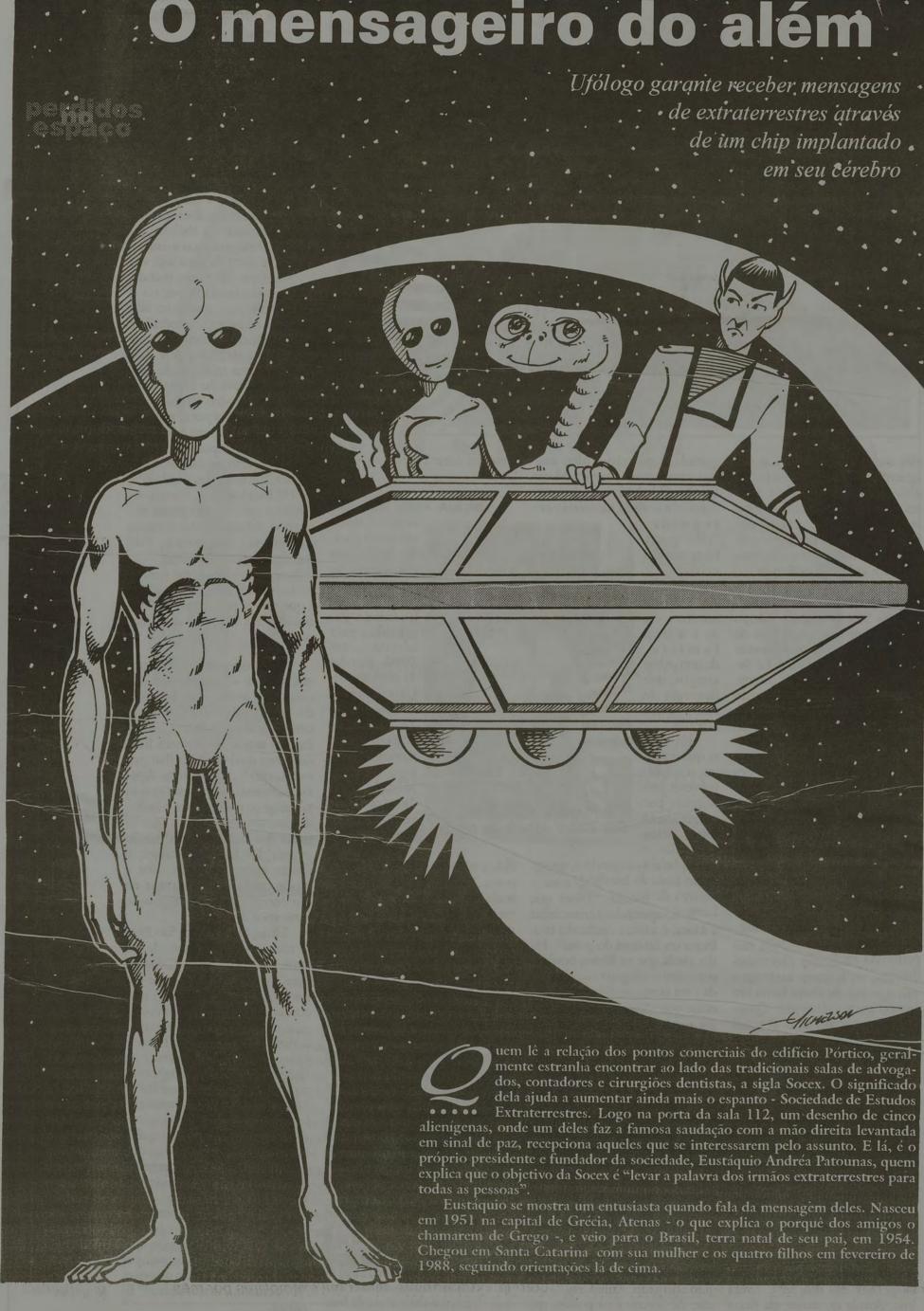
no caminho eram

arrumadas para despistar

a polícia

MEMÓRIAS DE GUER-RA E PAZ - Essa foi uma das coisas que levou Sila a ter raiva do povo, raiva dos homens, como ela mesma diz. "Cortava logo as graças, os homens ficaram com medo até de olhar pra minha cara", diz convicta. Apesar da valentia, Sila garante que no cangaço nunca usava o fação, desfazendo a impressão que se tinha das mulheres do bando através dos filmes de cangaço. Outro golpe que sofreu foi a morte do marido por causa de um derrame cerebral, depois de nove anos doente

Hoje, Sila vive em São Paulo com o filho Wilson, de 43 anos. A outra filha, Gilaene, está com 49. Sila vive da aposentadoria e viaja pelo país contando sua história em colégios e universidades e fazendo a divulgação de seu livro e vídeo. O livro Memórias de Guerra e Paz, Sila escreveu com o pouco estudo que teve até os 14 anos, e a idéia só se materializou com a ajuda e o apoio dos amigos. Quanto à experiência no cangaço, Sila diz que valeu pela lição que aprendeu. Hoje ela sabe dar o devido valor às pessoas que sofrem e sabe da importância de contar a história verdadeira do bando. Apesar disso, Sila admite que se pudesse voltar no tempo, talvez não fizesse tudo de novo. "A liberdade é maravilhosa!" fi-



"Deus (...) é uma reta isotrópica vibrando em todas as direções num ângulo de 90 graus, e tem a propriedade de se difundir para todo o universo"

Definição que um extraterrestre fez de Deus para Oswaldo Pedrosa, no CE de novembro

"Vivem o tempo necessário para guiar seus pais na busca do encontro com sua essência, e retornam ao seu planeta de nome ALDEYAT"

> Portadores de síndrome de Down numa versão extraterrestre, no CE de setembro

"Temos informações que dos 6 bilhões de habitantes do planeta (Terra), cerca de 10% apenas constituirão o novo homem

Editorial do CE de agosto



Grego acha que o planeta evolui para outra dimensão

harmonizar as três bases extraterrestres de Florianópolis. Criou a Socex em 1º de agosto de 1991 no lugar de sua loja de lingeries, na avenida central do Kobrassol. Desde então, ele que já foi também gerente de banco, dedica-se exclusivamente à ufologia. Mudou-se para o Pórtico no final do ano passado, ocupando a sala entidade.

A primeira experiência ufológica de Grego foi aos 12 anos, quando avistou um disco voador sobre sua casa, ainda em São Paulo. "Eu senti um bafo, um calorão, algo me impelindo a olhar para cima". O que viu marcou o início de mais de trinta anos dedicados ao estudo e divulgação de tudo que diga respeito a extraterrestres. Esse primeiro contato é o mais simples dos cinco graus estudados pela ufologia. O quinto e mais complexo, seria o implante de um chip alienigena no cérebro de um terraqueo. O presidente da Socex garante ter passado tal experiência há dois anos. "Assim como um poste leva luz até uma casa, o chip traz a mensagem da turma lá de cima até mim."

Nova DIMENSÃO - As mensagens que chegam via chip dizem respeito às transformações cósmicas que o nosso pequeno planeta irá passar. Falam de uma evolução natural do estágio atual dos terráqueos, que o ufólogo chama de terceira dimensão, para uma superior, no caso, a quarta dimensão. "Hoje em dia, esta-

Sua missão, como diz, seria mos a meio caminho da quarta dimensão, algo como uma terceira dimensão e meia. E essa é última oportunidade da geração atual avançar. Caso não se aproveite, outra chance só daqui a 75 mil anos", calcula, enquanto acende outro cigarro - "um dos meus vícios de terceira dimen-

Mas o que significa essa doada por um advogado sócio da evolução? Grego manda virar uma fita que toca sem parar new age e world music e começa a apontar radicais mudanças na vida em nosso mundo. Para começar, a idéia de coletividade substituirá o individualismo, dispensaremos o uso de dinheiro e a paz chegará a todos os cantos da Terra, da Bósnia ao Oriente Médio. Um exemplo que costuma dar de povos extraterrenos de vida quadrimensional são os habitantes de Marte. Sim, dentro do planeta vizinho existiriam 9 bilhões de seres, parecidos com os humanos, vivendo em uma sociedade muito mais evoluída do que a nossa e constantemente em contato com os terráqueos.

> CASO ROSWELL - Quanto ao filme divulgado por todo o mundo no final de agosto, onde se via pretensa autópsia em extraterrestres capturados pelo exército americano, o ufólogo ateniense afirma ser verdadeiro. O único senão que levanta é a possibilidade dos alienígenas do filme não serem os mesmos do famoso caso da queda de um disco voador próximo a Roswell, no deser-Novo México em 1947, como

diz conhecer notícias seguras de pelo menos 70 humanóides capturados em mais de 20 acidentes com naves, a grande maioria nos EUA. A divulgação do filme como sendo os seres do Caso Roswell poderia se um erro de avaliação, ou uma tentativa de desacreditar o movimento ufológico mundial.

Polêmicas a parte, o caso Roswell e outros temas igualmente bombásticos, como o do brasileiro Osvaldo Oliveira Pedrosa, que diz ter convivido uma semana com alienígenas, estão no Correio Extraterrestre para repassar ao maior número possível de pessoas a filosofia. Chegou a pensar em escrever um livro, mas optou pelo formato de um boletim mensal. "Eu precisaria de muito tempo para fazer um livro com todas as informações que recolhemos. E depois, acabo alcançando muito mais pessoas com o jornal e as palestras que dou por todo o Brasil", conta, mostrando orgulhosamente a pasta com dezenas de cartas dos leitores do

AJUDA CÓSMICA - O Correio Extraterrestre é distribuído gratuitamente. A publicidade que circula no jornal mal paga a tiragem de 3 mil exemplares. Para dar suas palestras, Grego cobra apenas I kg de alimento de cada convidado, para ser e de Alto Paraíso (GO).

doado a campanhas contra a fome. Cada vez menos pessoas estão dispostas a pagar os R\$ 10,00 de mensalidade à Socex. Tudo isso levou a algumas crises financeiras, com direito a luz cortada e a ficar 17 meses sem poder pagar a escola dos filhos. Inevitavelmente, a família reclamou. Porém, Eustáquio encara os contratempos como uma provação e assegura que, nas horas mais difíceis, sempre aparecia um jeito de ganhar dinheiro. "É como ter conta num banco cósmico". Quanto a família, o entusiasmo dele é suficiente para garantir o apoio. Tanto que seu filho mais velho, Eduardo, de 17 anos, começou a ajudá-lo na Socex.

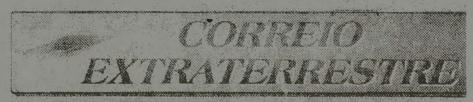
Apesar das reclamações de falta de participação dos associados, a Socex está crescendo. Grego está investindo R\$700,00 em modificações, sempre seguindo um projeto determinado "pela turma lá de cima". Além de substituir as lâmpadas fluorescentes por incandescentes, para manter a frequência do lugar em harmonia, uma sala será isolada para sessões de energização sem interferência humana. E as mudanças não ficam por aí, pois a Socex está abrindo filiais em mais quatro cidades. Há propostas de Blumenau(SC), Cascavel (PR), Ribeirão Preto(SP)



ZERO

DEZ

95



BOLETIM INFORMATIVO DA SOCEX - SOCIEDADE DE ESTUDOS EXTRATERRESTRES ANO 1 - HÚMERO 2 - SETEMBRO - 1900 DIETRIBUIÇÃO GRATUITA

A ciência que estuda os discos voadores encontra-se em seu melhor momento



Romeu Martins

Correio Extraterrestre tem 3 mil exemplares por mês

ZERO

sem-terra

A ocupação da fazenda Santo Antônio, em Passos Maia, pode ser considerada uma prova de força do Movimento Sem-Terra em Santa Catarina. Depois de seis anos de aparente hibernação desde a última grande ocupação, o movimento colocou cerca de 800 famílias em poucos dias no local, vindas de 25 municípios de Santa Catarina e do Paraná............06



creches

show

A história do show do exvocalista da banda em Santo Amaro da Imperatriz. Poucos acreditaram que o lendário Ronnie James Dio estaria aqui de verdade. ZERO foi e traz uma entrevista exclusiva32



ÍNDICE	
ditorial	2
história A pátria acima da fámilia	3
reitor e o comunista	4
índios Os últimos xokleng	8
saúde Intulho médico	12
presídio Do outro lado do muro	
estado Arrocho elétrico	16
los amigos, tudo	18
aventura Até o fim do mundo	23
funcionalismo Demissão à calhar	.24
universidade Saindo do anonimato	35
perfil Nulé macho, sim sinhô	36
e.t's	

O mensageiro do além......38